

Raquel Rohden

**ENTRE AFETOS E CORRENTEZAS, MEMÓRIAS:  
RELAÇÕES COM OS RIOS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Ilha de Santa Catarina

2018

Raquel Rohden

**ENTRE AFETOS E CORRENTEZAS, MEMÓRIAS:  
RELAÇÕES COM OS RIOS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Ilha de Santa Catarina

2018



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rohden, Raquel

Entre afetos e correntezas, memórias : relações com os  
rios e a Educação Ambiental / Raquel Rohden ; orientador,  
Leandro Belinaso Guimarães, 2018.

81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis,  
2018.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Educação Ambiental. 3. Rios.  
4. Cartografia. 5. Oficina. I. Guimarães, Leandro  
Belinaso. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Raquel Rohden

**Entre afetos e correntezas, memórias: relações com os rios e a Educação Ambiental**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Ilha de Santa Catarina, 19 de novembro de 2018.

---

Prof. Carlos Roberto Zanetti, Dr.  
Coordenador do Curso de Ciências Biológicas

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Leandro Belinaso Guimarães, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Artista Franciele Favero, Mestranda em Artes Visuais.  
Universidade do Estado de Santa Catarina

---

Prof.a Karina Rousseng Dal Pont, Dr.<sup>a</sup> em Educação.  
Universidade do Estado de Santa Catarina

---

Prof.a Mariana Brasil Ramos, Dr.<sup>a</sup> em Ciências.  
Universidade Federal de Santa Catarina

À todas e todos que lutam pelos rios e por suas histórias.

## **AGRADECIMENTOS**

A todas as pessoas que, no espaço da oficina e também fora dela, compartilharam os afetos de suas histórias com os rios com abertura e entrega.

Ao meu orientador Leandro, pela paciência com as dificuldades de escrita e pela inspiração enquanto ser humano e professor, sempre encontrando caminhos para deslocar o outro, tocá-lo, com atenção e delicadeza.

Ao Coletivo Tecendo e todas as pessoas que o integram, pela vida que pulsa nos encontros e nas pesquisas, pelas leituras atentas e pelas alegrias nascentes mesmo nos cenários sombrios.

Ao Movimento de Atingidos por Barragens e às pessoas que o constroem, sustentando a luta incessante pelos rios e pelos direitos das atingidas em todo o país, todos os dias. Pela organização e pela luta a vida segue, coletiva, enfrentando as estruturas que não cessam em tentar nos esmagar.

Ao Centro Acadêmico de Biologia e às pessoas que encontrei neste espaço de resistência dentro da Universidade. Grata pelas construções coletivas, pelo crescimento e pelas lutas que conheci em meio aos desenhos, cafés, frases e paredes coloridas que estarão sempre comigo.

Ao Subprojeto de Biologia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Catarina. Com vocês o conhecer e pensar a escola, mesmo com todas as dificuldades, se tornou um caminho a seguir.

À minha família, pelo apoio em todos estes anos, mesmo na distância e nas divergências em nossos modos de ser e viver. Em especial às minhas sobrinhas, por seus abraços, sorrisos e por seu jeito de ver o mundo e seu modo entregue de estar na água, de viver os rios.

Às amigas e amigos que encontrei ao longo da graduação, pelas conversas, sorrisos, abraços, viagens, almoços, jantares, filmes, angústias, sonhos, desejos e tantas coisas mais que compartilhamos. Que caminho florido vivo com vocês.

Ao Laboratório de Educação e Infância da Universidade do Estado de Santa Catarina, nas pessoas da Karina e do Adilson. Muito obrigada pela disponibilidade, pelo apoio e todo suporte necessário para que a oficina acontecesse de maneira tão leve e bonita. Ainda, ao Tadeu pelas fotos e vídeos feitos durante a oficina com atenção e dedicação.

Por fim, a todas as pessoas que permitem que a vida aconteça na Universidade Federal de Santa Catarina, do Restaurante Universitário à sala de aula. Com o reconhecimento das contradições, falhas e de que nem todas vivem a UFSC da mesma maneira, ela ainda é uma instituição de ensino pública, gratuita e de qualidade. Apesar dos ataques sofridos nos últimos anos e aqueles que se anunciam para os próximos, lutaremos para continue assim e que cada vez mais a classe trabalhadora possa usufruir dela.

Este Trabalho de Conclusão de Curso não seria possível sem estes apoios e encontros que possibilitaram minha caminhada e transformação nestes seis anos de graduação. Muito do que sou hoje e que permeia este trabalho não seria possível sem vocês. Muito obrigada!



## RESUMO

Esta pesquisa cartográfica em Educação Ambiental versa acerca da construção e realização de uma oficina. Em uma tarde de terça-feira, a oficina aconteceu com estudantes e uma professora de Pedagogia e estudantes das licenciaturas em Geografia e História da Universidade do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis. O encontro, por meio do acionamento dos conceitos de afeto e memória, deu a pensar as relações humanas com os rios e as barragens que se interpõe nestas relações. A construção coletiva de um mapa de afetos dos rios, em suas múltiplas formas, permitiu apontar pistas sobre modos de dizer dos rios em processos educativos que escapem da culpabilização individual e de narrativas correntes de “sustentabilidade”. A oficina foi arquitetada como um ninho, na junção de alguns gravetos, folhas, peles e outros materiais inúteis encontrados no caminho, de modo que pudesse operar a ideia de que os rios são dotados de histórias de vida. Foi possível evidenciar que as questões movidas na oficina não se encerram no espaço e tempo para ela previstos, se espalham pelas frestas do processo e dos encontros.

**Palavras-chave:** Cartografia. Formação inicial. Oficina.

## **ABSTRACT**

This cartographic research in Environmental Education deals with the construction and realization of a workshop. On a Tuesday afternoon, the workshop took place with students and a professor of Pedagogy and students of Geography and History of the State University of Santa Catarina, Florianópolis. The meeting, through the activation of concepts of affection and memory, made people think about the human relationship with the rivers and the dams that are interposed in these relations. The collective construction of a map of river affections, in its multiple forms, allowed us to point out clues about ways of saying rivers in educational processes that escape individual blame and current "sustainability" narratives. The workshop was built like a nest, at the junction of some sticks, leaves, skins and other useless materials found on the way, so that it could operate the idea that rivers are endowed with life stories. It was possible to show that the questions raised in the workshop did not end in the space and time for which it was intended, they spread through the gaps of the process and of the meetings.

**Keywords:** Cartography. Initial Formation. Workshop.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Rios de Afetos.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>Embarque.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>Nascente.....</b>	<b>14</b>
3.1	Onde eu nasci passa um rio.....	18
3.2	Onde eu cresci passa um rio.....	19
3.3	Corrente.....	20
<b>4</b>	<b>Outros Gravetos e materiais inúteis.....</b>	<b>24</b>
4.1	Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência.....	25
4.2	Paisagem.....	27
4.3	Margens.....	27
4.4	Inundación (Inundação).....	31
4.5	Cão sem plumas.....	31
4.6	“De puerto en puerto” sobre el Río Uruguay.....	35
<b>5</b>	<b>A foz não é fim, é encontro.....</b>	<b>37</b>
5.1	Entre afetos e cursos: memórias.....	40
5.1.1	Um modo de dizer de nós.....	42
5.1.2	Memórias de águas correntes.....	44
5.1.3	O que nos impede de ouvir os rios?.....	71
<b>6</b>	<b>Referências.....</b>	<b>79</b>
<b>7</b>	<b>Apêndice I.....</b>	<b>81</b>

## RIOS DE AFETOS

### A MENINA E O CÓRREGO<sup>1</sup>

#### I

A água  
é madura.  
Com penas de garça.  
Na areia tem raiz  
de peixes e de árvores.

Meu córrego é de sofrer pedras  
Mas quem beijar seu corpo  
é brisas...

#### II

O córrego tinha um cheiro  
de estrelas  
nos sarões anoitecidos

O córrego tinha suas frondes  
distribuídas aos pássaros

O córrego ficava à beira  
de uma menina...

#### III

No chão da água  
luava um pássaro  
por sobre espumas  
de haver estrelas

A água escorria  
por entre as pedras  
um chão sabendo  
a aroma de ninhos.

(Manoel de Barros, 2015)

---

<sup>1</sup> O título original é *O menino e o córrego*.

*A água é madura. É madura e com penas de garça. Na areia tem raiz de peixes e de árvores.* O poema de Manoel de Barros está há algum tempo em meus pensamentos e movimentos na construção desta pesquisa. Ele aponta para uma constituição histórica da água, que vai muito além de uma perspectiva geológica, hidrológica. Indica que a água forma um corpo - de brisas - composto por misturas orgânicas, pedregosas, até mesmo estelares. Composto e maduro, dotado de história de vida. Este corpo, dito por Manoel, complexo e fluido, *ficava à beira de uma menina...* A relação íntima da criança com o corpo d'água que se apresenta para ela me afeta profundamente, toma corpo em minhas lembranças, mas também revela a constituição humana dos rios, das águas e suas histórias. As comunidades, as cidades, entrelaçam suas histórias com as dos rios, pois suas águas nos constituem, enquanto elemento, como algo sagrado, como modo de movimentar, transportar, brincar. Nos relacionamos com os rios?

O pensar em rios vivos e as histórias que se constroem com o mover de suas águas deu leito aos movimentos deste Trabalho de Conclusão de Curso. Desde o início meu desejo desaguava para os rios com fluidez e sem interrupção. Mas este é um desejo *impossível*. As barragens que ferem os corpos-rios são muitas e se interpelam em suas histórias na dimensão física e também simbólica. Então, como abrir *possíveis* para evidenciar a potência de nossa relação com os rios? Como pensar em modos de reconhecer suas histórias, nossas histórias?

E ao atentar para a formação docente, que de nenhuma maneira está desvinculada destas histórias e relações, como pensar nos rios em nossos processos educativos?

Estas questões, que foram tomando nitidez ao longo do processo de pesquisa, permearam este trabalho e os encontros que o tornaram possível. Nas páginas que seguem, não ofereço solução para elas, apenas desenhos de caminhos imagináveis.

Os capítulos aqui concebidos se organizam como um rio em seu curso. Na *Nascente*, conto um pouco sobre minha trajetória até chegar no tema de pesquisa e no modo operado para sua realização: uma oficina. A *Nascente* está repleta de infâncias.

Em *Outros gravetos e materiais inúteis*, pequenas narrativas apresentam os materiais (gravetos, pedras, penas, peles, folhas, terras...) que encontrei durante o curso de construção da oficina, que se fundou em *um chão sabendo a aroma de ninhos*.

Já em *A foz não é fim, é encontro*, as proposições originais da oficina se misturam a imagens dos materiais confeccionados ao longo dela e às narrativas com elementos ficcionais, escritas a partir das falas das participantes durante o encontro. Os desagüares de muitos rios na oficina, possíveis através do acionamento da memória, não se iniciaram nem findaram no

espaço e tempo daquela tarde de terça feira. Os afetos que os rios movem se desdobram para muito além dos corpos, dos cursos e das margens.

# EMBARQUE

## NASCENTE

Há coisas que preciso contar sobre minha nascente. É por ela que este trabalho corre, desde as primeiras pedrinhas e relevos, até desaguar em outros rios, até chegar ao mar. E cabe dizer, chegar ao mar não significa findar viagem.

Vivi parte da minha vida em Itapiranga, cidade do extremo Oeste de Santa Catarina. Lá me formei no Ensino Médio em 2010. Desde então, inacreditáveis oito anos passaram. No último ano do Ensino Médio, um desejo muito grande de não permanecer onde eu estava me fez buscar meios de sair dali. Queria estudar fora, contra toda a resistência de minha mãe e de meu pai e com as dificuldades que isso significaria. Decidi que queria estudar Engenharia Ambiental. As Universidades Federais de Santa Maria (UFSM), do Paraná (UFPR) e do Rio Grande do Sul (UFRGS) ofereciam o curso e são todas uma meia dúzia de horas mais próximas de Itapiranga, mas a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ofertava o melhor curso da América Latina<sup>2</sup>. Foi o argumento que me trouxe até a Ilha de Santa Catarina pela primeira vez, aos 17 anos, muito orgulhosa por ter passado no vestibular.

A Primeira vez em uma ilha, a primeira brisa salgada, ah, o mar, a primeira vez que vi o mar... Lembro de atravessar a ponte arrepiada, alvoroçada por dentro. Me apaixonei pela UFSC assim que entrei nela. Lembro de passar pelo caminho de árvores da biblioteca, a praça da reitoria, tudo tão bonito! Eu havia passado para o segundo semestre de 2011, mas na terceira semana de aula do primeiro semestre, fui convocada por uma chamada posterior do vestibular. Mudança repentina e muitas incertezas fizeram parte dos poucos meses de 2011 que vivi em Florianópolis. Foram muitas estreias mais a partir daí. A primeira vez que meu corpo encontrou o mar, que entrei em um shopping, que fui ao cinema (assisti “Piratas do Caribe - Navegando em águas misteriosas”). A primeira vez que rodei uma catraca em um ônibus (para pular uma só quatro anos depois). A primeira vez que morei sozinha, que cuidei de mim, que morri de saudade. A primeira vez que me vi em desespero, que tirei um zero em uma prova e que desisti de um curso de graduação.

Me senti frustrada, mas soube que ali não cabia a potência que eu tinha, não fazia sentido continuar. Voltei para Itapiranga no segundo semestre, pois queria estudar para o vestibular, embora não soubesse bem para onde ir. Qualquer lugar distante da engenharia parecia iluminado. Meus pais não me permitiram voltar para a UFSC no ano seguinte – não

---

<sup>2</sup> De acordo com as informações da página <<http://vestibular2017.ufsc.br/engenharia-sanitaria-e-ambiental/>>. Acesso em: 15 de junho de 2018.



tinha pensado em fazer nenhum curso que tivesse o título de melhor da América Latina aqui – então cursei Biomedicina em São Miguel do Oeste no ano de 2012. Também comecei a trabalhar para juntar algum dinheiro. Fui jovem aprendiz do ambulatório de um frigorífico de suínos da minha cidade por pouco mais de um ano. Vi muitos rostos contorcidos pela dor de um trabalho pesado exercido mesmo pelos menores corpos. Mães e pais com filhos doentes e mulheres grávidas eram tratadas como problemas para a empresa, assim como as colegas que ficaram incapacitadas para o trabalho. Convivi com pessoas muito queridas e amáveis. Vi as mesmas precisarem pensar no melhor para a empresa e não para suas iguais, trabalhadoras com trabalho precarizado. Senti um enorme alívio ao sair de lá assim como senti ao deixar a Biomedicina. Talvez estas experiências tenham arraigado em mim alguma repulsa pelas roupas brancas e jalecos.

Um ano inteiro foi necessário para preparar um caminho de volta para a UFSC. Estava decidida a cursar Biologia e já conhecia a cidade, ainda que tão pouquinho. Em 2013 eu estava na ilha mais uma vez. E estar aqui foi e é de tantas maneiras especial que os caminhos que segui não poderiam mesmo ter me levado a outro lugar. Os últimos seis anos foram muito intensos, de vivências, de gentes, de sentimentos, de encontros, de angústias, decepções e mudanças de rumo. Sou muito grata às pessoas que encontrei, por seus modos de ver e ser no mundo, por seus sonhos, suas lutas, sua coragem.

Consigo pensar em três períodos e um momento que foram acontecimentos ímpares para mim desde que entrei na Biologia:

No primeiro período, em 2015, houve paralisação no curso, pois o governo havia anunciado cortes nas verbas da universidade - cortes que só crescem, sem previsão de sutura. Foram as primeiras vezes que entendi o Centro Acadêmico como espaço formativo rico e crítico do curso que eu estava vivendo sem entender bem. Espaço pelo qual eu estava sedenta, para entender o curso, a universidade e as forças que movem (ou não) estas estruturas. Foram também as primeiras vezes que ouvi alguém falando da licenciatura com amor, com desejo, com brilho. Tive que pensar sobre a licenciatura e desde então mergulhei nela sem volta.

No segundo período, em 2016, eu e muitas outras pessoas da Biologia ocupamos o MIP<sup>3</sup>, inspiradas nas secundaristas, que ocuparam com força, coragem e organização mais de duzentas escolas de São Paulo em 2015, contra a reorganização das unidades de ensino, e mais de mil escolas em todo o Brasil no ano de 2016, contra a reforma do Ensino Médio e a

---

<sup>3</sup> Departamento de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia, do Centro de Ciências Biológicas (CCB) da UFSC. Os blocos da ala nova do CCB são conhecidos pela sigla do departamento.

Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55, hoje Emenda Constitucional 95, que instituiu o teto de gastos públicos por vinte anos, afetando diretamente os investimentos em educação.

Durante a ocupação se sedimentou minha aversão a hierarquias e minha (quase) libertação delas. Naqueles dias também aprendi que a atenção, o carinho e o cuidado do outro são parte fundamental das lutas que travamos.

Em 2016 eu já estava no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), mas em 2017 ele mudou minha vida e, sem dúvidas, a professora que vou ser. As vivências, as pessoas, os conflitos, tudo se fez mais forte em mim e no coletivo. Este período fez aflorar minha vontade de estar na escola e de pesquisar em educação.

O momento foi no dia 20 de setembro de 2017, em meio ao evento da XVIII Semana Acadêmica da Biologia. Uma epifania. A causa dela foi um espaço, durante a tarde, mediado por um querido membro do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB) de Santa Catarina, para pensar o modelo energético baseado nas hidrelétricas e o quanto podemos questionar sua classificação como “energia limpa”.

Eu já conhecia o MAB e muitas de suas pautas, já havia visto carreatas e cruzeiros enterradas na beira do rio Uruguai, do conforto da varanda da minha casa no Oeste.

Rio Uruguai visto da varanda itapiranguense, em um fim de tarde de fevereiro.



Fonte: arquivo pessoal

Eu sabia destas coisas, elas andavam comigo. Mas naquele dia, naquele espaço, fui *atravessada*. Uma frase, que eu também já conhecia, tomou outro significado para mim: “Somos todos atingidos”. Somos todas e todos atingidos, mesmo que – aparentemente – de modo indireto, pelas hidrelétricas que são construídas e usufruídas pelas empresas que tomam para si a energia, extraída pelo custo monumental sobre o ambiente e sobre as gentes que ali viviam, por gerações, em comunidades e aldeias. Inclusive eu. Inclusive minha família. Naquele momento, a história distante, a memória que parece tão pouco minha do lugar onde nasci, brotou com muita intensidade. Me reconheci como mulher diretamente atingida por uma barragem e o descaso com as pessoas que a acompanhou. Desde então, o lugar onde nasci e vivi meus dois primeiros anos está presente no que sinto, penso e falo. Antes eu abreviava um tanto meus anos de vida, encurtava a história sobre a origem paranaense. Agora conto sobre onde nasci e isso importa tanto!

Acredito que este tenha sido um dos dias mais significativos de minha vida. E suas importâncias não se encerraram pela tarde. Na noite deste mesmo dia aconteceu o lançamento do documentário *Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência*, produzido pelo coletivo de mulheres do MAB. De tão atravessada pelas lembranças remexidas da tarde, pensei que deveria ir. Vivi ali o segundo atravessamento do dia, desabado em lágrimas. Fui apresentada a Claúdes, Simone, Marta, Patrícia, Sebastiana, Maria Alacídia, Maria de Fátima, Elaine, Margarida, Marina e tantas outras mulheres protagonistas de histórias de força, coragem, rebeldia. Elas passaram a ser parte de minha vida, inspiração de luta pelos rios, de relações afetivas com eles.

Neste dia decidi participar do encontro Nacional do Movimento de Atingidos por Barragens, que aconteceu nos dias 1 a 5 de outubro de 2017 no Rio de Janeiro. Lá estavam muitas das mulheres protagonistas do filme, e tantas outras, tantas crianças. Gentes de todos os lugares do Brasil. Inclusive de Itapiranga. Dividimos o chão da Marquês de Sapucaí com nossas barracas e colchões.

E, ao final do dia 20 de setembro de 2017, decidi que minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seria com os rios e os afetos que proporcionam.

### Onde eu nasci passa um rio<sup>4</sup>

Escritas de um já distante outubro de 2017

Nasci no mesmo dia que Lião, um cachorro de pelos amarelados. Não sei se seus pelos já nasciam assim ou tomavam um pouco a cor da terra vermelha batida do pátio da minha casa. Não me lembro dele, do Lião, apesar das fotos que temos juntas. Sei de suas cores pelas imagens, que também são amareladas. Acho que ele gostava do lago, da água mansa. Tem uma foto dele brincando lá com o meu irmão. Eu acho que eu também gostava da água. Será que tinha limo nela? Não lembro mesmo.

A gente morava perto do lago, da água mansa. A casa parecia simpática, pelas fotos. Uma varanda com muitas samambaias penduradas. Por fora, ao lado da varanda, se via a janela da cozinha. Sei disso por outra foto. Nela meus avós estão na frente da varanda, de frente um para o outro, com contornos de carinho. Não se olham, porém. Quem sabe seja pela gritante diferença de altura: meu avô com quase dois metros; minha avó com 1,60m, encurtados pela corcunda que lhe era peculiar. Nessa foto, meu irmão observa a cena com olhar furtivo, pela janela da cozinha.

Também não lembro de meus avós, ao menos não tenho certeza das memórias (se é que podemos ter de alguma). Acho que elas são uma mescla de imagens móveis feitas de fotografias e histórias. Queria lembrar deles. Também queria recordar se a água mansa do lago tinha limo, para ficar pensando que estava errado de algum jeito aquela água mansa, que ali, nesse mesmo lugar onde o Lião tomava banho, um pouco mais de uma década antes, a água descia em corredeira, forte, rápida. Ali era um rio, não um lago. Do tempo do rio não tenho foto, só do lago que foi feito pela represa.

A estrada até em casa era meio mansa também, éramos os últimos moradores antes do lago. Mas isso mudou um pouco. As noites passaram a ser barulhentas. A água mansa do lago que se seguia na estrada era um caminho fluido para outro lugar. Outro país. Outra jurisdição. O Paraguai era logo ali.

Uma balsa passou a atravessar o lago com tratores e plantadeiras, mas ninguém podia saber, ninguém podia contar. Atiraram na nossa casa. A varanda e a parede da cozinha ficaram com buracos. Não lembro daquela noite também, mas minha mãe disse que eu dormi

---

<sup>4</sup> Nome apropriado da canção composta por Caetano Veloso e lançada em seu disco de estreia com Gal Costa, *Domingo*.

serena, mais do que nunca. Temos fotos dos buracos. Também tem foto da mudança. O Lião não coube nela. Com dois anos nos separamos.

Eu, Lião e meu avô Jacob na frente da nossa casa em São Miguel do Iguaçu, Paraná, em 1995



Fonte: arquivo pessoal

### Onde eu cresci passa um rio

“ [...] — Agora, porém, não será que meu irmãozinho quer ver o outro lado?  
— *Que outro lado?*  
— *O outro lado, você sabe: o mundo, o lado-de-lá!*”

Segui-o contra a corrente e fomos sulcando a ondulação até chegarmos à zona onde o rio se meandra, arrependido, e o leito se atapeta de calhaus rolados. Nesse remanso, as águas ganhavam surpreendente limpidez. O Ntuzi largou minha mão e instruiu-me: eu deveria imitá-lo. Então, mergulhou para depois, todo submerso, abrir os olhos e, assim, contemplar a luz reverberando na superfície. Foi o que fiz: do ventre do rio, contemplei os rebrilhos do sol. E aquele fulgor me encadeou, numa cegueira envolvente e doce. Se houvesse abraço de mãe teria que ter sido assim, nesse desmaio de sentidos.

— *Gostou?*  
— *Se gostei? É tão bonito, Ntuzi, parecem estrelas líquidas, tão diurninhas!*  
— *Vê, maninho? Esse é que é o outro lado.*”

Mia Couto em *Antes de nascer o mundo* (2016, p. 26-28)

Mudamos de estado, para Itapiranga, mas seguimos a vida nas proximidades de um grande rio. Era outro rio, o Uruguai. Nascia em outro lugar, corria para outro lugar, mas tinha a presença do rio. Lembro de sentir muito medo dele, não sei se mais meu ou de minha mãe. Ao mesmo tempo que me sentia muito atraída, ficava distante. Acho que posso contar nos dedos de uma mão as vezes em que entrei nele.

A proximidade palpável com a água se dava nos pequenos fluxos dos riachinhos. Está muito marcada em minha memória a cena em que eu-menina, numa jornada solitária, caminhava da casa da minha avó até o galpão, passava da carroça e pulava a cerca de arame liso, em fio único, andava por uma estrada desenhada em dois grandes sulcos e uma parte central alta cheia de capim. A estrada curta dava em um riacho, em geral sem muita vazão, mas encantador. Era, de algum modo, meu “outro lado” como aquele que o personagem Ntuzi apresentou a seu irmão Mwanito em meio a uma vida de restrições, sem história e com pouca cor. Meu outro lado não me foi apresentado por ninguém, mas se tornou meu caminho e uma fuga. Não me lembro de nenhuma ida até a casa de minha avó (quase todos os domingos) sem visitar o outro lado, o riacho. Lá brincava com bonecas, ursinhos, panelas, pedras. Criava histórias e ficava por muito tempo com os pés sentindo a água que caía de uma das pequenas cachoeiras. Algumas vezes me entregava com todo o corpo, para enxergar o fundo pedregoso em alguns pontos, lamacento em outros. Ainda assim tinha algum receio. Um contato tão íntimo, mas muitas vezes contido. Acredito que seja por não ter aprendido a nadar quando criança. A despeito disso, a água moveu e move afetos em mim, faz onda para fora e para dentro.

Aprendi algo como nadar há um ano, no mar, muito distante daqueles rios da minha infância. Agora faço aulas de natação, um aprendizado em meio ao cloro. Há intenção e desejo no meu aprender a nadar. Concentrar e coordenar para que eu saiba mais da água e de como ela e meu corpo conversam no movimento. Respirar, ar e água em seus espaços. Tem a ver com não chegar na frente do mar e não saber o que fazer. Corar e apressar o encontro, abreviá-lo. Não dar chance para estar na água. Já sinto os efeitos disso, não sou mais tão tímida em frente ao mar, talvez seja assim com o rio também.

### **Corrente**

Desde aquele momento, na Semana Acadêmica da Biologia, aflorou em mim, intensamente, o desejo de pensar e lutar por rios contínuos, fontes, caminhos não

interrompidos<sup>5</sup>. Tal desejo se tornou um “tema de importância existencial” (RIBEIRO; PREVE, 2018) mesmo que ele seja, inteiramente, já impossível para muitos dos rios que banham terras da América Latina. Inclusive para o rio Uruguai, que corre pela cidade onde vivi por quase toda a minha vida. O Uruguai e seus afluentes, antes de espriarem nas paisagens que habitaram minha infância no Oeste, são descontinuados, em sua corrente, por cinco grandes feridas-barragens.

Foz do Chapecó

Itá

Campos Novos

Machadinho

Barra Grande

Ao contabilizar todas as barragens, médias e pequenas, as interrupções chegam a uma centena. Com isso em mente e considerando a afirmativa de Emmanuel Leão na apresentação do livro *Da foz à nascente: o recado do rio*, de Nancy Mangabeira Unger (2001), que nos diz que o “rio, para ser rio, traz sua fonte em cada fluxo de sua corrente” e “a fonte está presente em toda passagem de suas águas”, então, o Uruguai e seus afluentes *deixam de ser* muitas vezes. A delicadeza contínua que carrega a fonte pelo rio se desconfigura.

\*\*\*

Este desejo de rios contínuos me trouxe também inúmeras dúvidas: como torná-lo minha pesquisa? Como me mover com ele? Como mover a escola? A educação ambiental? Como encontrar no outro os afetos pelos rios, pelas águas correntes? Como encontrar nos pequenos gestos e dizeres as memórias das águas?

Alguma incerteza sobre como mobilizar essas vontades de saber em um Trabalho de Conclusão de Curso me acompanhou nos caminhos do primeiro semestre de 2018, na construção do projeto de TCC. Então, começaram burburinhos oficinairos. Eu e algumas pessoas próximas começamos a elaborar oficinas, por vontade ou por necessidade. Neste mesmo período, também fiz a primeira leitura do texto *Perder-se: Experiência e Aprendizagem* de Ana Maria Preve (2013), que trata de um modo de pensar oficinas que me inspirou imensamente. Construir uma oficina para o TCC, de repente, se encaixou com

---

<sup>5</sup> As interrupções dos rios que coloco neste trabalho se referem àquelas cimentadas, barragens.

suavidade nos fluxos que segui, se tornou um lugar no qual senti que poderia criar abrigo para o desejo de águas correntes, ainda que precário, provisório, um ninho.

[...] Um ninho tem algo em sua forma que não diz respeito apenas aos materiais que se recolhe para fazê-lo, mas também com o modo de se habitar um lugar. Nesse sentido, podemos pensar a oficina como um ninho: uns gravetos, um toco de pedra, umas lascas de árvore, um pedaço de folha, felpa de planta, um tanto de barro, pelo de bicho, uns capins, saliva. Um ninho ou toca pode ser um buraco no chão, numa árvore, estar no meio de pedras... Onde parece não haver nada, no canto mais insignificante, há um bicho que fez dele “o seu pedaço”, há uns de nós que fazem da oficina um chão, um pedaço para o começo de uma série de desdobramentos em torno de uma questão. (RIBEIRO; PREVE, 2018)

Desde o início, a expectativa por estes desdobramentos estava atrelada a um olhar interessado ao lugar e às pessoas com os quais eu desejava possibilitar o encontro. Eu buscava a dimensão da memória, mas também intentava “uma escuta mais ampla, capaz de escutar sussurros, silêncios, ruídos do não dado, do desconhecido no pensamento” (PREVE, 2013).

Atenta a estes apontamentos, vivi a pesquisa como cartografia, que, como diz Juliana Pereira (2016, p. 18) “tem como desafio acompanhar processos”, e “é um procedimento que se dá no acompanhamento dos percursos a partir dos efeitos causados pelos encontros em um campo sensível, produzindo outras e novas subjetividades”. Assim, sem prescrições, as matérias que puderam compor este ninho com intensidades, bem como o trajeto, seus encontros e percalços, são corpo desta pesquisa.

De fato, o encontro, a escuta, os desdobramentos, o silêncio e tudo o mais que se conectava à oficina sofreu percalços no caminho. Meu navegar na pesquisa encontrou barragens e precisei buscar outros cursos, contornos.

Durante o projeto, todo o esforço em pensar a oficina que nascia, com os primeiros gravetos e folhinhas, se dirigia a um lugar e um grupo de pessoas bastante especial, para os quais eu desejava que a oficina acontecesse. O lugar era uma escola pública municipal do sul da Ilha de Santa Catarina, avizinhada de um pequeno rio. As pessoas seriam as crianças dos sétimos e oitavos anos do ensino fundamental. Até o início do segundo semestre de 2018, pensava que este seria o encontro e ansiava por ele. Os pilares de uma pequena ponte com a escola já existiam: o grande apoio de uma das professoras de Ciências da escola, com a qual já desenvolvi práticas pedagógicas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e a parceria que o MAB, movimento que passei a compor efetivamente



no início de 2018, criou com a escola, desenvolvendo algumas atividades junto das alunas e professoras.

Demorei a contatar a escola. Quando o fiz, em agosto, obtive uma resposta muito entusiasmada e alegre com a possibilidade da realização da oficina. Mas havia um porém: para começar a frequentar a escola, conhecer as turmas, viver a rotina escolar, eu precisaria da autorização da Gerência Regional de Educação (GERED). Contactei a GERED imediatamente, para saber dos procedimentos. Obtive uma resposta pouco entusiasmada e nada alegre: “Precisa passar pelo comitê de ética”, “demora viu”, “vê com seu orientador para fazer uma pesquisa documental, que não precise falar nem com professor, nem aluno”. Fiquei desolada, pensei que não existiria oficina, que precisaria mudar de temática, fazer outra coisa, ou, na pior das hipóteses, que não conseguiria concluir o TCC. Nos dias que se seguiram, conversei com algumas pessoas que submeteram projetos ao comitê de ética da UFSC e tive certeza que, dentro do tempo disponível, não seria possível obter a autorização e construir uma vivência com a escola e com as estudantes antes da oficina. Foi uma barragem burocrática intransponível.

Caminhei sem chão por alguns dias, até encontrar o Leandro. Neste encontro, um novo e belo caminho surgiu. A sugestão foi de realizar a oficina com estudantes de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na disciplina de Ciências. Não por acaso, pois a pessoa que ministra esta disciplina é a Karina, que integra o *Coletivo Tecendo: cultura arte educação*, do qual eu também faço parte e que é coordenado pelo Leandro. A ideia de trabalhar com futuras pedagogas me deixou bastante empolgada. Entrei em contato com a Karina, que me recebeu com muito carinho e abriu todas as portas possíveis. Na semana seguinte, na quarta-feira, eu conheci a turma da sexta fase. Foi um dia bastante especial, pois durante a aula aconteceu a apresentação do lindo trabalho realizado pelo PIBID Biologia da UFSC no Instituto Estadual de Educação, do qual também fiz parte. Meu barquinho oficineiro parecia navegar sem preocupação. Mas a calmaria foi breve.

A oficina estava prevista para o dia 10 de outubro, já bastante adiantada no semestre. Ao final de setembro, Karina me avisou que a turma da sexta fase teve uma alteração de cronograma, por diversos motivos que não permitiram a realização das aulas de Ciências por algumas semanas. Assim, pelas datas disponíveis da turma em contraponto com as datas do TCC na UFSC, tornou-se inviável realizar a oficina com ela. Mais uma mudança de rumo, um contorno a ser feito. Desta vez, porém, o novo caminho se abriu imediatamente, por meio da própria Karina. Através de seu elo com o Laboratório de Educação e Infância (Laborei) da

UDESC e com o professor Adilson, coordenador do Laboratório e também do PIBID Pedagogia da UDESC se desenhou a possibilidade de realizar a oficina com as futuras pedagogas participantes do PIBID. Um lindo caminho, pois tenho um carinho imenso pelo PIBID e por isso vislumbrei lindas paisagens, anunciadas por esse novo curso. Fiz, então, um chamado:

Cartaz de divulgação da oficina



Fonte: arquivo pessoal

Ao todo, 11 pessoas atenderam ao chamado para o encontro. Da Pedagogia (algumas do PIBID, outras não), da licenciatura em Geografia e até mesmo um estudante de História, que chegou ali por acaso com um amigo. Um grupo muito rico, alegre e disponível. Foi um prazer navegar com aquelas pessoas, dividir mantimentos e correntezas durante uma tarde nublada de terça-feira.

## OUTROS GRAVETOS E MATERIAIS INÚTEIS

Mesmo sem saber, desde o dia em que decidi que os rios, de alguma maneira, seriam o foco de minha pesquisa, já comecei a carregar comigo as primeiras matérias que dariam origem à oficina, aos modos de ninho, que apresentarei no terceiro capítulo. Este processo de encontros com os materiais é de fundamental importância para compreender o modo pelo qual a oficina se constitui, “um modo que é construído na relação com aquilo que vem, com os materiais que se tem a mão, com *observar* o que chega, com coisas que vêm de fora, com as circunstâncias, com o que se agrupa no entorno de si, com o que se seleciona para dizer. É um

trabalho de composição” (RIBEIRO, 2017, p. 16, grifo do autor). Por isso farei, a seguir, a narrativa<sup>6</sup> destes encontros, tropeços, ofertas.

*Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência* é um documentário produzido pelo coletivo de mulheres do Movimento de Atingidos por Barragens. Nele, mulheres atingidas das cinco regiões do país contam suas histórias de luta e, como diz uma companheira do MAB, histórias de amor: de amor pelos rios, de amor umas pelas outras, pela família e pela própria luta. Na perspectiva do documentário, “a memória tem força de gravidade. Sempre nos atrai. As que têm memória são capazes de viver no frágil tempo presente. As que não a tem, não vivem em nenhuma parte” (ARPILLERAS, 2017). A memória, sempre presente, traz muito mais do que lembrança e saudade, é alimento para seguir lutando. As mulheres dão vazão às memórias e denúncias através das *arpilleras*, bordados feitos em estopa ou pano rústico, que durante a ditadura chilena foram também meios de denúncia das práticas ditatoriais. Lá, os bordados eram feitos pelas mulheres com roupas de filhos e maridos desaparecidos. Aqui, se constituíram com tecidos e linhas cheios de tramas da memória. Um dos trechos mais marcantes é o momento em que Simone, que viveu toda a sua vida em Gesteira, borda com uma linha enlameada, encontrada após o crime de Mariana<sup>7</sup> - que já completa 3 anos.

Desde a primeira vez que o vi, me reconheci um pouco naquelas mulheres, mas principalmente, as admirei muito. De fato passaram a ser parte da minha vida. Neste ano, participei de mais seis exposições do documentário. Todas emocionantes. A primeira delas foi bastante especial e por isso vou me ater em uma breve narrativa dela: aconteceu em uma escola particular de Florianópolis, a convite da professora de Língua Portuguesa e Literatura. Na disciplina, estava sendo desenvolvido o projeto *Narrativas da desigualdade* e o documentário fez parte dele. Cerca de 60 adolescentes assistiram atentas as quase duas horas do longa metragem. Muitas se emocionaram, expressaram atônitas seu inconformismo por não terem ideia daquela realidade antes. O debate durou mais duas horas. Ao me dar conta daquele impacto, eu só conseguia pensar que todas as pessoas precisavam ouvir aquelas mulheres falando.

---

<sup>6</sup> Os materiais são apresentados de maneira fragmentada, sem conectivos e numerações pois, durante o processo de meu navegar, foi desta maneira que eles cruzaram meu caminho.

<sup>7</sup> No dia 5 de novembro de 2015 ocorreu o rompimento da Barragem de Fundão, no município de Mariana, em Minas Gerais. Em decorrência disso, 19 pessoas morreram, milhares foram atingidas e toda a bacia do Rio Doce foi afetada pelos rejeitos despejados.

Alguns meses depois, quando a ideia da oficina começou a se construir, ele foi não só um dos gravetos, foi a base do ninho, onde os demais se apoiaram, sonharam. Algumas frases e um pequeno trecho foram escolhidos para a oficina. No trecho, assim como em todo o longa, há denúncias sobre o descaso com o rio e as histórias que se constituem em suas beiras. Mostra uma história ribeirinha nordestina, memórias de vidas inteiras construídas na beira do rio e, a despeito disso, destruídas em instantes pelo fornecimento de recursos, como a água, para geração de lucro em locais distantes. Nesse modelo, memórias nada valem. A escolha pelo Nordeste é simbólica por contrastar tão fortemente com as abundâncias de águas que nos cercam e que acessamos. Também, se deu pelas falas das personagens. A memória, a relação ribeirinha com o rio e a dor da inevitabilidade de ter que partir são ditas com força, mas também delicadeza por Margarida e sua filha Marina nos oito minutos do trecho selecionado. Denúncia, memória, amor, luta, esperança. Tudo isso é dito por elas. Por sua própria voz, pela força de sua história, pela nitidez com que dizem sobre seu lugar no mundo. Tudo isso me atravessa.

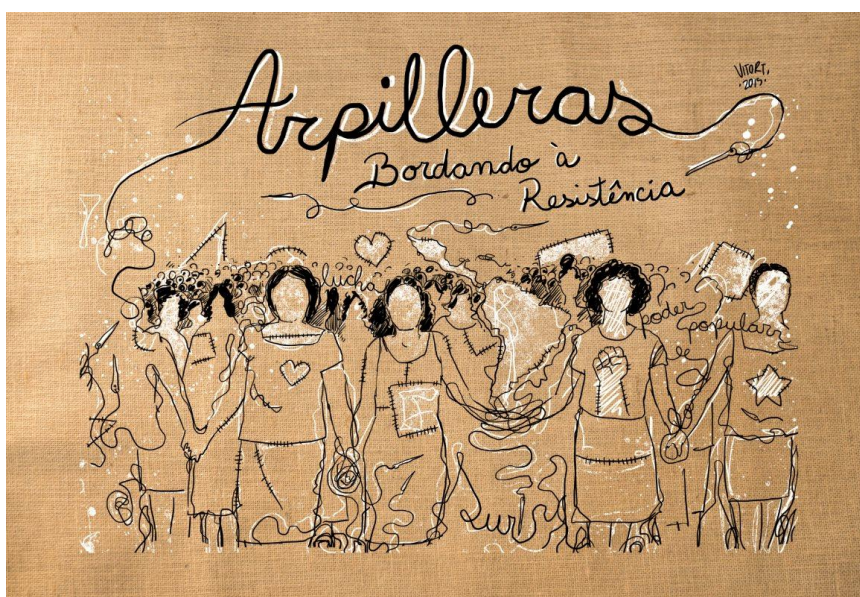
Selecionei as seguintes frases do documentário para compor o mapa de afetos:

“E eu ia pra beira do cais, me sentava lá, aquele vento assim, ajudava a tristeza a sair do meu coração. Sempre que a gente olha no Xingu e sempre a gente vê o infinito.” Maria Alacídia.

“Pra quem nasce perto dos rios, pros ribeirinhos, o rio é parte da gente.” Marina

“Resistimos porque dentro de nós existem vocês.” Patrícia

Imagem de divulgação do documentário



Fonte: <https://bit.ly/2KWvSTk>

*Paisagem* é um dos poemas do livro *Chão de peixes*, da ilustradora e escritora de literatura infantil Lúcia Hiratsuka. Meu encontro com ele se deu em algum fim de tarde despretenso do início de abril, em que passei com um amigo em uma livraria. A sessão infantil, bem na entrada, sempre convida o olhar. Nesse dia, um livro de capa branca, com uma linda ilustração de peixes, em traços leves<sup>8</sup>, tomou minha atenção de imediato. Só me separei do *Chão de peixes* ao terminar de lê-lo. Desde então, a poesia de Lúcia Hiratsuka se tornou um dos gravetos iniciais na construção da oficina, cujo nascimento, crescimento e curso compõe as águas deste trabalho.

O encontro com a poesia terminou de despir meu desejo de fluxo para os rios, com uma delicadeza que me causou muitas reverberações. Pelo modo como se desenvolve, consegue dizer que, em meio aos relevos – da cidade, do corpo, da imaginação – um olhar atento é capaz de encontrar um relicário de guardar tantas coisas: sorrisos, histórias de vida (de peixe, de gente, de planta, de...) e águas, mas não de qualquer jeito: águas *correntes, q u e p a s s a m*. A caverna encontrada é um espaço de acolhida, de resistência, de memória.

#### PAISAGEM

Entre vales e montanhas,  
uma caverna  
que guarda,  
os risos dos pescadores  
os ossos dos peixes

e as águas q u e p a s s a m.

Lúcia Hiratsuka em *Chão de peixes*

*Margens* é uma série de fotografias de minha autoria. Nas imagens, o rio Dourado (pequeno afluente do rio Uruguai) e suas margens compõe paisagens que refletem, para mim, a estreita relação entre o rio, seu corpo móvel e que carrega os entornos consigo. Sempre me pergunto, até que ponto podemos dissociar o rio da margem?

Além disso, o local das fotos é muito especial. É neste curto trecho de rio que minhas pequenas sobrinhas passam algumas das tardes de verão tomando banho, aventurando-se pelas delicadas correntezas e algumas profundidades. Ali estão se constituindo relações e memórias com o rio.

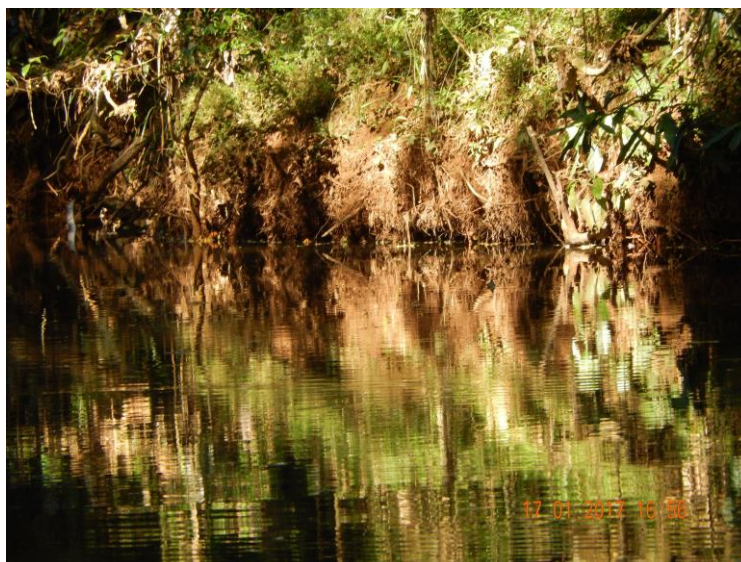
---

<sup>8</sup> Posteriormente descobri que a técnica utilizada nas ilustrações denomina-se sumi-ê.

Ao pensar na construção de um mapa de afetos, estas imagens me ocorreram imediatamente, pois remetem justamente aos afetos movidos nos encontros de minhas sobrinhas com o rio Dourado.

Após as barragens e percalços, com a decisão por realizar a oficina na UDESC, o rio Itacorubi, que se localiza nos arredores da Universidade e, na verdade, está também sob ela, passou a compor as *Margens*.

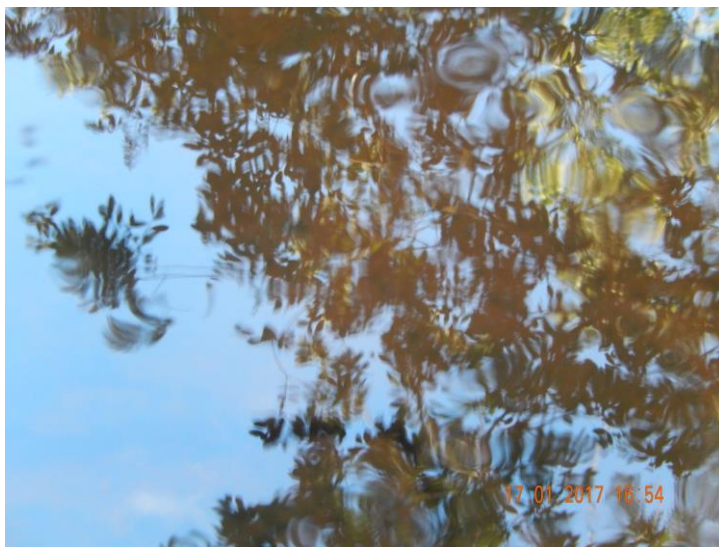
Com cada imagem, escrevi um pequeno texto, a partir dos movimentos que me causaram. Memórias distantes e pequenas percepções do cotidiano se misturam nelas, pelos atravessamentos dos meus caminhos com estes e outros rios. A seguir, se encontram as imagens e textos que compuseram o mapa de afetos.



Depois de descer uns dois degraus cavados na terra, chego ao pequeno rio. Logo adiante, na outra margem, uma cerca separa o gado da água. Neste fim de tarde de verão, desejo intensamente colocar meus pés no frescor dela. Ao me aproximar reparo em como os reflexos na água estão especialmente bonitos. Tenho dificuldades de enxergar o fundo, mesmo sabendo que está há poucos centímetros. Vejo toda a margem. A cerca, o gado, as muitas árvores. Vejo toda a margem ali no rio. Não só como efeitos de luz, também em matéria: folhas, galhos, penas, corpos, pelos, seixos, terras, fezes. A margem faz parte do rio. Chego mais perto. Me vejo. Penso nos cabelos, pelos, unhas, sebos, lágrimas e sangue que já deixei no rio. A margem faz parte do rio. Eu faço parte do rio.

Margens do rio Dourado





Quando eu era menina pequena, todo domingo em que visitava minha avó, eu caminhava da casa dela até o galpão, passava da carroça e pulava a cerca de arame liso, em fio único, e, então, andava por uma estrada desenhada em dois grandes sulcos e uma parte central alta, cheia de capim. A estrada era curta e dava em um riachinho. Eu passava as tardes de domingo com ele.

Margens do rio Dourado.



As vezes sentar na pedra e por o pé na água é tudo que a gente precisa.

Margens do rio Dourado.



Lembro da primeira vez que vim aqui na UDESC, ia passar um filme sobre pixação em São Paulo. Era fim de tarde e eu vim de bici. Cruzei o rio e nem vi.

Margens do rio Itacorubi.



Andei pesquisando e parece que Itacorubi é uma palavra de origem tupi-guarani. Ela significa “rio das pedras esparsas”. Nunca reparei nas pedras do Rio Itacorubi, mas reparei que do meio da ponte dá para ver ele em uma frestinha entre os muros de concreto. Na próxima vez vou olhar as pedras.

Margens do rio Itacorubi.



*Inundación (Inundação)*, da artista Franciele Fávero. Não lembro ao certo como a indicação deste audiovisual chegou até mim, em maio de 2018. Suspeito que tenha acontecido em alguma conversa no Restaurante Universitário ou durante um café. Levei algum tempo para assistir, pois queria fazê-lo atentamente: já estava avisada dos possíveis impactos. No vídeo, vozes das fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai, onde foi construída a Usina Hidrelétrica de Itaipu, falam enquanto a água sobe, até serem inundadas, silenciadas.

Nenhum preparo seria o bastante para assistir o vídeo. Fiquei sem ar. Senti que a água que afogava as vozes queria também tomar o lugar do ar em meus pulmões. Ao final, um silêncio denso tomou conta de mim. Um silêncio que não acontece pela falta de som, acontece pela falta de vida, pelo desmanchar da espessura que a vida tem. Um silêncio que sucede a morte do que as vozes e seus tons, timbres, origens e histórias são capazes de imprimir no mundo.

Por este silêncio que o vídeo é capaz de causar, ele se tornou um dos gravetos de composição da oficina no momento em que o vi.

*Cão sem Plumas*, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. Este poema chegou até mim por recomendação de uma das consultoras do projeto de TCC. Na verdade, em uma primeira leitura, no primeiro semestre de 2018, não fui tocada por ele.

Ao retomá-lo, na segunda metade deste ano, não só fui tocada, fui apunhalada. A escrita de João Cabral, cruamente elaborada, consegue tocar âmagos, nervos. A partir de *Cão sem plumas*, as portas para a obra do poeta se abriram. Os rios figuram na centralidade de muitos de seus poemas e minhas leituras buscaram por estas águas. Para a oficina, selecionei trechos de cinco poemas. Boa parte dos poemas do autor é bastante longa e, por isso, há diferentes trechos dos poemas *Cão sem plumas* e *O Rio*. Com cada trecho é possível pensar nos rios e suas histórias, suas relações com as margens, muitas vezes margens de casa, de usina, de retirante.

É interessante dizer, ainda, que em meu círculo de pessoas próximas, João Cabral se dispersou. Algumas vezes poemas que eu não havia lido ainda chegavam até mim por meio destas pessoas, que construíram comigo o ninho.

Deixando vou as terras  
de minha primeira infância.  
Deixando para trás  
os nomes que vão mudando.  
Terras que eu abandono  
porque é de rio estar passando.  
Vou com passo de rio  
que é de barco navegando.  
Deixando para trás  
as fazendas que vão ficando.  
Vendo-as, enquanto vou,  
parece que estão desfilando.  
Vou andando lado a lado  
de gente que vai retirando;  
vou levando comigo  
os rios que vou encontrando.

João Cabral de Melo Neto em *O Rio*

Seria a água daquele rio  
fruta de alguma árvore?  
Por que parecia aquela  
uma água madura?  
Por que sobre ela, sempre,  
como que iam pousar moscas?  
Aquele rio  
saltou alegre em alguma parte?  
Foi canção ou fonte  
em alguma parte?  
Por que então seus olhos  
vinham pintados de azul  
nos mapas?

João Cabral de Melo Neto em  
*Cão sem plumas*

O livro aberto nos joelhos  
o vento nos cabelos  
olho no mar.  
Os acontecimentos de água  
põe-se a repetir  
na memória.

João Cabral de Melo Neto em  
*O poema e a água*

O que vive  
 incomoda de vida  
 o silêncio, o sono, o corpo  
 que sonhou cortar-se  
 roupas de nuvens.  
 O que vive choca,  
 tem dentes, arestas, é espesso.  
 O que vive é espesso  
 como um cão, um homem,  
 como aquele rio.

João Cabral de Melo Neto  
 em *Cão sem plumas*

Na estrada da ribeira  
 até o mar ancho vou.  
 Lado a lado com gente,  
 no meu andar sem rumor.  
 Não é estrada curta,  
 mas é a estrada melhor,  
 porque na companhia  
 de gente é que sempre vou.  
 Sou viajante calado,  
 para ouvir histórias bom,  
 a quem podeis falar  
 sem que eu tente me interpor;  
 junto de quem podeis  
 pensar alto, falar só.  
 Sempre em qualquer viagem  
 o rio é o companheiro melhor.

João Cabral de Melo Neto em *O Rio*

Aquele rio  
 está na memória  
 como um cão vivo  
 dentro de uma sala.  
 Como um cão vivo  
 dentro de um bolso.  
 Como um cão vivo  
 debaixo dos lençóis,  
 debaixo da camisa,  
 da pele.

João Cabral de Melo Neto  
 em *Cão sem plumas*

Sempre pensara em ir  
 caminho do mar.  
 Para os bichos e rios  
 nascer já é caminhar.  
 Eu não sei o que os rios  
 têm de homem do mar;  
 sei que se sente o mesmo  
 e exigente chamar.  
 Eu já nasci descendo  
 a serra que se diz do Jacarará,  
 entre caraibeiras  
 de que só sei por ouvir contar  
 (pois também como gente,  
 não consigo me lembrar  
 das primeiras léguas  
 de meu caminhar).

João Cabral de Melo Neto em *O rio*

Pensei que seguindo o rio  
 eu jamais me perderia:  
 ele é o caminho mais certo,  
 de todos o melhor guia.  
 Mas como segui-lo agora  
 que interrompeu a descida?  
 Vejo que o Capibaribe,  
 como os rios lá de cima,  
 é tão pobre que nem sempre  
 pode cumprir sua sina  
 e no verão corta,  
 com pernas que não caminham.

João Cabral de Melo Neto  
 em *Morte e Vida Severina*

Quando um rio corta, corta-se de vez  
 o discurso-rio de água que ele fazia;  
 cortado, a água se quebra em pedaços,  
 em poços de água, em água paralítica.  
 Em situação de poço, a água equivale  
 a uma palavra em situação dicionária:  
 isolada, estanque no poço dela mesma;  
 e porque assim estanque, estancada;  
 e mais: porque assim estancada, muda,  
 e muda porque com nenhuma comunica,  
 porque cortou-se a sintaxe desse rio,  
 o fio d'água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,  
 chega raramente a se reatar de vez;  
 um rio precisa de muito fio de água  
 para refazer o fio antigo que o fez.

João Cabral de Melo Neto  
em *Rios sem discurso*

*“De puerto en puerto” sobre el Río Uruguay* da artista argentina Silvina Babich. Este graveto recebi por e-mail, em meados de agosto. Um novo número da revista eletrônica ClimaCom, o *Diálogos do Antropoceno*, havia sido lançado. Já no primeiro olhar, visualizei a publicação de Silvina. Nela, as imagens das obras da artista, construídas como experiência performática e processual no rio Uruguai, me tiraram o fôlego. As imagens são da instalação denominada “Se o rio correr para cima”<sup>9</sup>, onde um grande mapa da bacia hidrográfica do rio Uruguai ocupa o chão e a parede de uma grande sala do museu em que se encontrava. Destas imagens, duas coisas me atravessaram: A primeira delas, foi a estética impactante, que me fez decidir por este mapa como base do mapa de afetos e pela ocupação de um grande espaço com ele, para que as participantes pudessem ocupar as beiradas. A segunda foi o nome da instalação. Quando eu era pequena, sempre que alguma visita chegava em minha casa em Itapiranga e olhava o rio da varanda, surgiam comentários sobre o “rio que corre pra cima”. É mesmo difícil perceber para qual lado o rio corre daquele lugar. Eu passei boa parte da minha vida sem saber. Só tive certeza, por questões de física, depois que soube onde estava prevista a construção da hidrelétrica.

Com este processo de encontro e composição cheguei, como pude, a uma oficina.

“Uma oficina se chega. Se chega pois é preciso andar, seguir e pôr-se em movimento, fazer mover aquilo que nos cerca, nos envolve, nos oprime, nos sufoca... Ampliar e espraiair os contornos, os limites (sobretudo os nossos). Seguir, as vezes desembestado, as vezes cauteloso, outras aos saltos, correndo, algumas sem ver, guiado, contando os passos, marcando o tempo, cada curva, cada reentrância. (RIBEIRO, 2017, p. 25)

---

<sup>9</sup> “If the river ran upwards” no título original.

## Navegações



Fonte: Tadeu Vasconcellos

## A FOZ NÃO É FIM, É ENCONTRO

Aquele rio  
está na memória  
como um cão vivo  
dentro de uma sala.  
Como um cão vivo  
dentro de um bolso.  
Como um cão vivo  
debaixo dos lençóis,  
debaixo da camisa,  
da pele.

[...]

O que vive  
incomoda de vida  
o silêncio, o sono, o corpo  
que sonhou cortar-se  
roupas de nuvens.  
O que vive choca,  
tem dentes, arestas, é  
espesso.  
O que vive é espesso  
como um cão, um homem,  
como aquele rio.

João Cabral de Melo Neto  
em *Cão sem plumas*

*Foi um dia incrivelmente conturbado. Arrumações da aula de estágio de última hora, acordar muito cedo, ansiedade pela aula, que é de genética (mas até que estou gostando de genética agora, quem diria?). A aula foi ótima, é muito bom ser dupla da Lina. É muito bom estar com a turma. No fim da tarde voltei do Instituto Federal de Santa Catarina exausta, porém feliz. Voltando a pensar na oficina do dia seguinte. Estava faminta e fui no Restaurante Universitário. Não esperava pelos maravilhosos encontros lá, no finzinho da janta. Algumas pessoas se foram mais cedo por conta de outros compromissos. Ficamos eu, Eduardo e Maiara. A Maiara também ia dar uma oficina no dia seguinte, sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais, no mesmo horário que a minha. As oficinas que chegavam nos moveram a compartilhar as coisas que iríamos oferecer nesse momento de encontro. Esqueci de comer por alguns momentos, de tanta empolgação que acho que coloquei ao falar da minha. Dos momentos, dos materiais, da história, das relações, das propostas.*

*A proposta da memória, de formar uma imagem do primeiro rio que viesse à mente, moveu essas queridas pessoas a contarem sobre seus rios de infância. Maia contou sobre o rio Pajeú, que fica em Serra Talhada, Pernambuco, e que cortava as terras de seus bisavós, avós, pais e tios e que habitou sua infância. Em meio à caminhada na Caatinga, chegar ao rio era uma alegria tão imensa que o encontro era com ele inteiro, do banho aos goles generosos. Outro rio aparece em suas memórias, o Tietê em Campinas. Com a lembrança do rio, vem outra, de uma foto vista recentemente, em que aparecem suas amigas em uma visita a casa de uma delas, que morava perto do Tietê, para um trabalho sobre o rio. A lembrança que vem é da cor escura da água, do cheiro forte, sentido desde a casa da amiga. Lembrança também do choque ao conhecer o Tietê que ainda não chegou na cidade. A barragem, o impedimento de se relacionar com o rio, vem o descuido incessante, a indignação com a limpeza infinita do rio, que nunca termina porque nunca se para de sujar.*

*O Eduardo também se moveu a contar da imagem que lhe veio do rio de sua vida. Uma cena específica, um quadro do rio Piracicaba. Em um dos lados do rio, há uma área aberta, de terra, onde as pessoas costumam ficar. Do outro lado, um engenho, ao redor do qual a cidade se desenvolveu. Ligando os dois lados do rio, uma ponte pênsil. Ao lado do engenho, uma cachoeira se derramando. O cheiro era de terra.*

*As cenas são tão lindas!*

Trecho retirado do diário do TCC, 15 de outubro de 2018.



Somente no dia anterior à oficina é que pude perceber que ela já havia começado há muito tempo, sem que eu pudesse - ou quisesse - precisar seu início. Como diz Ana Maria Preve (2013), “um começo sempre está ligado a outros. Não há um ponto que defina onde uma ideia começa e termina.” Dessa forma, percebi que os desdobramentos imprevisíveis, as escutas e os convites para embarcar já aconteciam, para além de mim, movidas, de alguma maneira, pelos afetos que os rios causam e que passei a compartilhar. Assim, fica evidente que as oficinas não se encerram em um tempo e espaço, reverberam por meio das questões que pretendem mover, das coisas que dizem e também das que não dizem, nas contaminações que oferecem. Os afetos não podem ser controlados. A oficina já havia começado, definitivamente. Me movia e reverberava nos arredores.

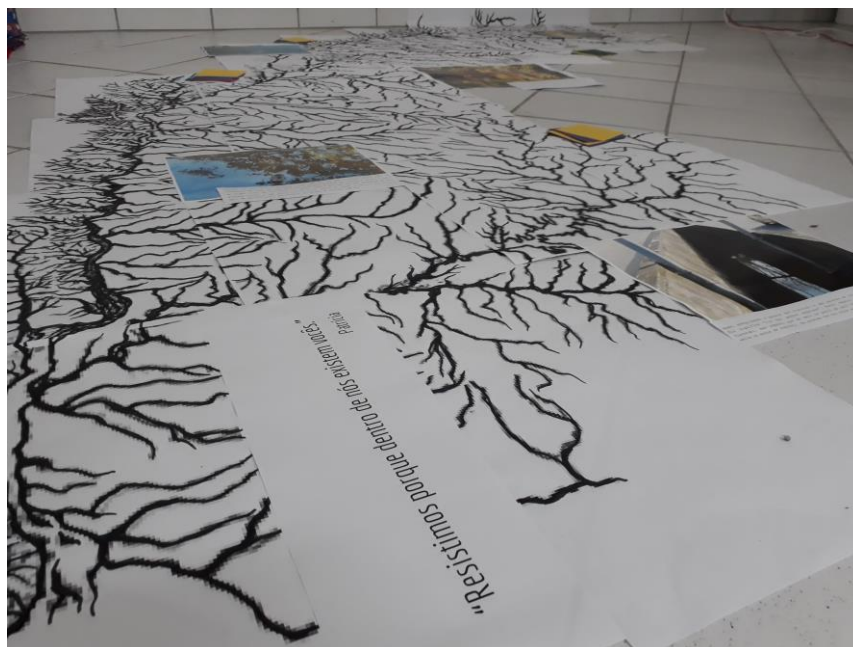
Não sei como fui incapaz de perceber antes, afinal, *minha oficina*, foi, na verdade, uma construção coletiva. Foram muitas as pessoas que me ajudaram a carregar e encontrar gravetos, a perceber que algumas partes do ninho não estavam condizentes com as outras. Foram muitas as pessoas que acreditaram no que eu estava fazendo, que me ouviram, se empolgaram, se emocionaram com o caminho que segui, sempre em modos “de ninho, fazendo paralelo com algumas características desse lugar meio fictício: lentidão, atenção, seleção, algo que toma forma desde dentro, algo composto por diversos materiais meio inúteis, sempre uma tentativa, incompleta, que se desfaz.” (RIBEIRO; PREVE, 2018)

Desse modo, bem antes do dia marcado, os convites e acionamentos provocados pelos materiais selecionados abriram espaço para que outras pessoas, de outros tamanhos, com outras formas, histórias e desejos adentrassem o ninho. Nos encontros, o ninho sempre pode se desfazer, algo novo pode surgir.

*É tempo de abrir o ninho  
cresci demais para caber nele  
com passos e palavras  
o ninho gerado na beira do rio  
abre espaço para outras águas*

## Entre afetos e cursos: memórias

Mapa de afetos antes da oficina



Fonte: arquivo pessoal

Convite ao embarque



Fonte: arquivo pessoal

### Dezesseis de outubro de dois mil e dezoito

Cheguei até a Universidade do Estado de Santa Catarina de bicicleta. No caixote preso à garupa estavam todos os materiais da oficina, fragilmente protegidos da chuva que se anunciava pelo céu nublado do meio da manhã. Após três lances de escadas, carregando os materiais como possível, adentrei o Laboratório de Educação e Infância. Lá, Karina já me espera. Juntas deslocamos mesas, cadeiras e vasos plantas, remodelamos o espaço. Depois, muitas dúvidas surgiram sobre qual seria a melhor parede para dispor o rio, a projeção, o convite do embarque. Em meio às ponderações e construções a manhã se encerrou.

A tarde se iniciou, meio chuvosa. Só uns sopros de sol apareceram de vez em quando. Me perguntei se a chuva poderia, de alguma maneira, impedir que alguém viesse para a oficina. Mas, mesmo antes do horário, às 13h30min, as pessoas foram chegando. Aos poucos se assentaram ao redor da mesa onde estavam inúmeras revistas, tesouras, colas, fios, tintas, folhas. Talvez seja mesmo mais comum acontecer dessa maneira, apesar do tapete e das almofadas no chão. O convite para as primeiras pessoas que chegaram, para que explorassem os materiais não foi plenamente acolhido. Esperamos para explorar em coletivo.

Após alguns minutos de espera, julgamos que era tempo de começar. Foram feitas as primeiras apresentações da oficina, da pesquisa, de mim. Fiz as explicações necessárias sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE I) e todas as presentes assinaram prontamente.

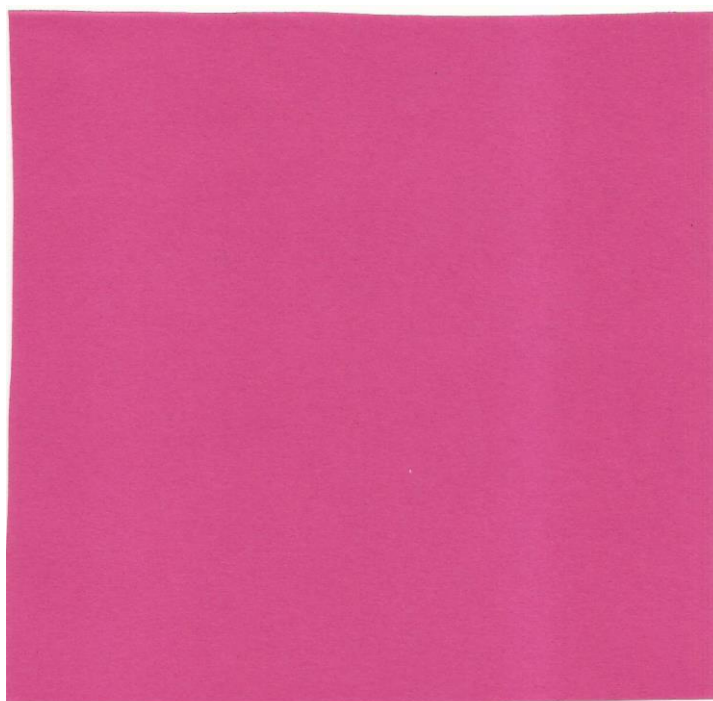
Em seguida, fiz o convite para nos deslocarmos da mesa, local em que pouco estaríamos durante a oficina, e nos sentarmos na beira do rio que nos acompanhava na sala. No caminho curto entre a mesa e o rio, porém, ninguém poderia esquecer de *embarcar*: escolher um dos barquinhos de jornal dispostos na mesa da entrada. Neles, os primeiros mantimentos da viagem que se iniciava estavam guardados, eram as poesias de João Cabral de Melo Neto (1997).

Nos acomodamos todos na beira do rio e nos alimentamos das poesias. Primeiro daquelas que estavam nos barcos de cada um, depois compartilhando entre nós. Cada pessoa guardou uma poesia consigo. No bolso, no sapato, do lado do pé para pegar mais tarde. Depois deste momento, fiz a leitura da primeira proposição da tarde.

### **Um modo de dizer de nós**

“Estamos na beira do rio. Vamos, a partir de agora, deixar nossos barcos navegarem por ele. Antes, vamos carregá-los mais uma vez de mantimentos. Encheremos os barcos de palavras. Elas serão uma maneira de dizer de nós e um modo de conhecer uns aos outros.

Então, pegue um dos pedaços de folha colorida disponíveis e escreva nela cinco palavras que você considera que possam dizer de você e nutrir quem encontrar seu barco na viagem.”<sup>10</sup>



---

<sup>10</sup> Neste trecho e nos que seguem, as aspas são utilizadas para indicar as falas feitas por mim e pelas pessoas participantes da oficina. As falas foram transcritas a partir de áudios e vídeos gravados durante a realização da oficina.

Em seguida, nos apresentamos com as palavras. Transcrevo aqui, com mínimas alterações para auxiliar a compreensão, um trecho de cada fala de apresentação:

“Eu botei também afeto e amor, que são palavras que em tudo na vida eu tento botar um pouquinho disso. Eu moro em São José e estou dando aula lá na Vargem, duas horas de viagem todo dia pra chegar lá [na escola] e dar amor e afeto para as crianças”

“As palavras que eu escrevi foram : mulher, que é uma palavra que define o que eu sou, esse corpo, essa pessoa que ocupa esse momento no mundo [...] e também sou mãe, que é também uma palavra que me define”

“Então, mistura de eu e de viagem: luz, cores, riso, vida e movimento e é isso, muito movimento, inquietação.”

“Corajosa, porque também sou mãe e tenho que estar aqui todos os dias e deixar meus filhos com uma pessoa que talvez não cuide deles tão bem quanto eu.”

“Encontro, conexão, relação, diálogo e coragem. Encontro porque a vida é isso, a arte dos encontros. Alguma coisa opera que não necessariamente conseguimos deduzir em palavras, mas as coisas acontecem. [...] E eu coloquei o diálogo, muito inspirada pelo Paulo Freire, eu acho. Sempre me inquietei muito com essa questão da comunicação, da fala, da escuta ... e as vezes a gente não consegue usar o diálogo, as vezes o diálogo não é diálogo, é monólogo, é uma violência né, enfim. É uma coisa que eu tento prestar atenção, principalmente nesses últimos tempos, em que os diálogos estão mais acalorados e as vezes são mais berros mesmo. E coragem, coragem porque é uma palavra que também permeia muito a minha vida [...] coragem é ir com medo mesmo e significa agir com o coração.”

“Escrevi palavras que me marcam hoje: como sempre, ouvir, porque eu gosto mais de ouvir do que de falar, e calor porque eu estou incrivelmente com calor hoje. Vocês não estão com calor? Eu estou com calor. Afeto, porque quando eu cheguei eu olhei pra cara da [amiga]. Alegria e sorrisos porque eu gosto de sorrir e carinho porque eu me sinto aconchegada aqui.”

“A primeira palavra é Pedagogia porque quando eu saí do Ensino Médio, eu estava sem esperança nas pessoas e Pedagogia tem me ajudado. Mudança lenta, porque eu mudo, mas as pessoas não conseguem perceber. Talvez nem eu mesma perceba. Silêncio. Ah, tinha mais uma palavra... esperança.”

Após os compartilhamentos, os barquinhos foram lançados ao rio.

Barcos navegando



Fonte: Tadeu Vasconcellos

### **Memórias de águas correntes**

O movimento feito para encontrar o lugar dos barquinhos fez com que, em seguida, as primeiras curiosidades acerca das imagens e textos que também compunham o mapa fossem expressas:

“Acho que são imagens dos lugares específicos no mapa, que você trouxe uma imagem para representar”.

“Mas quem garante que são daquele lugar?”

“Ah, aí já não sei, pode ser qualquer coisa.”

Em poucos minutos, contei os motivos da escolha das imagens (da série de fotografias *Margens*) e textos (escritos com estas fotografias) que se somam ao mapa. Ainda, disse algumas palavras sobre o documentário *Arpilleras* (2017), que seria assistido posteriormente,

e das frases de algumas das mulheres protagonistas do documentário e que também estavam em composição com aquele rio que nos acompanhava, o rio Uruguai.

Neste momento, anunciei que aquele mapa não pretendia retratar exatidões geográficas ou hidrológicas. Se tratava, isso sim, de um *mapa de afetos*. Afetos movimentados em mim e expressos naquelas imagens e escritas. Naquela tarde, então, o intento era o alargamento dos afetos do mapa (que já havia começado com os barquinhos) pelas confecções feitas durante o encontro. Uma composição coletiva do mapa de afetos. Por meio dele poderíamos, então, nos perguntar: como pensar nos rios em nossos processos educativos?

Após alguns olhares e pequenos sorrisos, sem demora, comuniquei que leria a segunda proposição do dia, que consistia em uma poesia escrita para crianças, de Lúcia Hiratsuka (2018), e um pequeno texto de minha autoria, escrito com a poesia.

#### “PAISAGEM

Entre vales e montanhas,  
uma caverna  
que guarda,  
os risos dos pescadores  
os ossos dos peixes

e as águas q u e p a s s a m.

Lúcia Hiratsuka em *Chão de peixes*

Lúcia nos diz muito nestas poucas, porém ricas palavras. Em meio aos relevos das montanhas, e porque não da cidade, do corpo, da imaginação – um olhar atento é capaz de encontrar um relicário de guardar tantas coisas: como os sorrisos, que reverberam pelas paredes e nos retornam aos ouvidos sempre que voltamos à caverna. Ela também guarda histórias de vida, como vidas de peixe, materializadas em lembrança mínima pelos seus pequenos ossos. Mas a história de vida, a memória da vida, é tão, tão, tão maior do que os ossos...

A caverna guarda ainda, águas, mas não de qualquer jeito: águas *correntes, q u e p a s s a m*. Que passam e, então, são sempre outras. Mesmo assim, guardadas nesse lugar, conservadas em seu mover. Se contidas, morrem enquanto rios, riachos, córregos. Pelo movimento, alimentam novos risos, dão lugar a novas vidas de peixes e tantas outras: de

gente, de planta, de caramujo, de libélula. Dão lugar a novas memórias, que vão encontrando lugar nos espacinhos da caverna.

A caverna encontrada é, então, local de memória, de acolhida e de resistência. Hoje, juntas, buscaremos cavernas, e nelas, memórias de águas correntes.”

Após alguns momentos de silêncio, revelo a proposta:

“Imagine um rio pelo qual você já passou. Pode ser um rio da infância, do cotidiano...

Grave a imagem deste primeiro rio que lhe vier à mente.

Como você chegou até este rio? Até este lugar de onde o vê?

O que você lembra dele? O que você sente ao lembrar dele?

O que mais lhe vem com a imagem?”

Feche os olhos por algum tempo, retome as imagem e as questões antes de continuar.

Muita entrega e silêncio se concretizaram com o fechar dos olhos. Foi possível *sentir* o mergulho na memória. Algumas lágrimas escorreram.

Escreva esta história no papel disponível. Conte-a da maneira que preferir. Podem ser feitos desenhos ou outras representações canetas, lápis, tintas. Colagens com revistas e jornais. Você pode fazer isso no local em que se sentir mais confortável.



Papel disponível

Cerca de quarenta minutos depois e com a chegada de duas novas pessoas, retornamos todas e todos para a beira do rio, do mapa de afetos.

As confecções foram riquíssimas. Nas páginas a seguir apresento imagens dos materiais produzidos. Como registro das falas compartilhadas, criei pequenas narrativas que produzem ficções com os elementos mais marcantes de cada fala.



## Sinos

Posso falar uma coisa? Acho que tem que começar por mim. Tem muitas memórias boas e a minha é ruim. Acho que a ruim tem que vir primeiro.

Minha memória é do rio dos Sinos. Ele tem esse nome porque é assim, todo sinuoso. Ele corta o Vale dos Sinos e minha cidade fica lá, sou de Novo Hamburgo. O rio ficou bem marcado na minha memória porque quando conheci ele também foi a primeira vez que andei de barco. Foi muito legal andar de barco! A gente ficou na parte bem lá de cima olhando o rio.

Mas acontece que cheguei lá assim: a gente estava estudando o rio dos Sinos nas aulas o terceiro ano - quando descobri o nome já fiquei achando incrível - falando sobre a situação dele, que não estava nada boa. Aí um dia fomos visitá-lo. No nosso passeio eu pude perceber indústrias jogando água no rio, uma água muito preta. Eu vi peixe morto boiando, lixo, garrafa, pneu, essas coisas assim... eu vi até cocô - tenho que falar do cocô, gente. E pensar que o rio estava cheirando a peixe morto, esse rio que podia ser tão bonito. Eu fiquei muito triste, mesmo pequena já ficava indignada. Isso fez a gente acordar, sabe.

Foi uma experiência legal andar de barco, mas não pelas coisas que a gente viu lá.



## **Jordão**

O movimento que eu fiz foi o de voltar a ser pequena, de pensar como a minha relação com a água sempre foi presente na infância, por a gente morar perto da praia e também perto de rios. Tem um rio na minha vida que é o rio Jordão. Ele nasce na Serra e passa ali por Treviso, Siderópolis, no sul do estado.

Piquenique na beira do rio era um programa de família. No domingo, juntava as tralhas, as crianças, a vó e se mandava para o rio. Esse rio era um rio de pedra e tinha uma cachoeira, mas a água era muito gelada porque vinha de Serra. Apreendi a nadar nesse rio.

Ao falarmos do rio, tive esse respingo de memória, pude revisitar o rio que fez parte da minha infância e voltar a ser pequena, a brincar nessa água. Água que hoje continua lá, não é a mesma, já é outra, outras pessoas já passaram por ela, mas esse rio continua lá e continua também na minha memória.



## Órbigo

O rio que me veio à memória foi o que corria perto de uma cidade bem pequenininha, pequena *mesmo*, chamada Benavides del Órbigo. Ela fica na Espanha e eu morava lá quando era pequena. A água do rio era muito gelada porque vinha da neve derretida da montanha.

Neste lugar a gente andava muito de bicicleta. Andava, andava, andava, até chegar nesse rio. Tem uma grande árvore na beira desse rio que eu lembro até hoje. Nós subíamos nela, num galhinho e pulávamos, porque bem ali tinha um poço e era fundo. Só podia pular ali, se pulasse em outro lugar já tinha pedra, já era um negócio horroroso. Esse rio tinha uma coisa: tinha uma parte dele que dividia e depois juntava. O lado do rio que nós pulávamos era muito rápido e do outro era bem devagarzinho. A gente deixava a correnteza nos levar até pertinho da bifurcação, depois tinha que andar o máximo possível no lado vagaroso. Aí vinha a aventura: se deixar levar pela corrente, se agarrar de algum jeito perto da grande árvore e voltar pra terra.

Obs 1: Tinha que ir de sapato porque tinha muitas rochas.

Obs 2: Quando a gente pulava tinha que tocar o fundo pra subir rápido.

Obs 3: Bom... minha mãe não deixava né, eu ia escondida.





### **Rio que desemboca na praia do Cedro**

Meus avós têm uma casa na praia do Cedro, em Palhoça, na Grande Florianópolis. Quando éramos mais novos a primarada toda ficava lá nas férias. Este tempo, a vida... a memória das águas me lembra muitas coisas: as crianças, a praia, o mar, o mato, a borboleta e a transformação, o coração e a coragem.

Lembrando do Cedro, não sei se aquilo é um rio, mas é um monte de água que desemboca no mar. Esse rio me remete à cor preta, porque ela me lembra dos girinos. A gente pegava muitos girinos naquele lugar. Tinha dias que ficava tudo preto de girino.

Lembro que a gente olhava muito pro céu e via os movimentos das nuvens, ficava imaginando as figuras, o que se parecia com cada nuvem, aquele movimento das correntes, aí a noite a gente ficava vendo as estrelas. Eu só consegui marcar as três marias.

Esse rio lá do Cedro desembocava no mar, que também faz muito parte da minha vida, sempre estive perto dele. O mar tranquiliza, seja pela energia das ondas, seja pela energia das águas, enfim, é uma fluidez que me ajuda a viver.



### **Itacorubi**

Quando falamos em rio eu logo pensei na nossa aula de estágio. A gente está fazendo estágio e trabalhou justamente o rio Itacorubi. Quando falamos do Itacorubi eu só pensei na imagem do estágio, nas nossas caminhadas. A gente dá aula sexta-feira e depois da aula, que é ali no Simão José Hess, vem para a UDESC caminhando. Eu lembrei do rio Itacorubi e de muitas coisas que nos acompanham durante a nossa caminhada: são frutinhas, comidinhas, as plantas, - porque me identifico bastante com plantas - o céu, a geografia, a música, o café, a vegetação, e tudo isso tem o contraste da cidade.





## **Vida**

Eu nunca fui em nenhum rio, mas como conversamos, as vezes a gente vai num lugar e não olha, então o que me veio foi: “olhe de novo”. Um olhar que não é com os olhos e sim com o coração. Com olhar de criança.

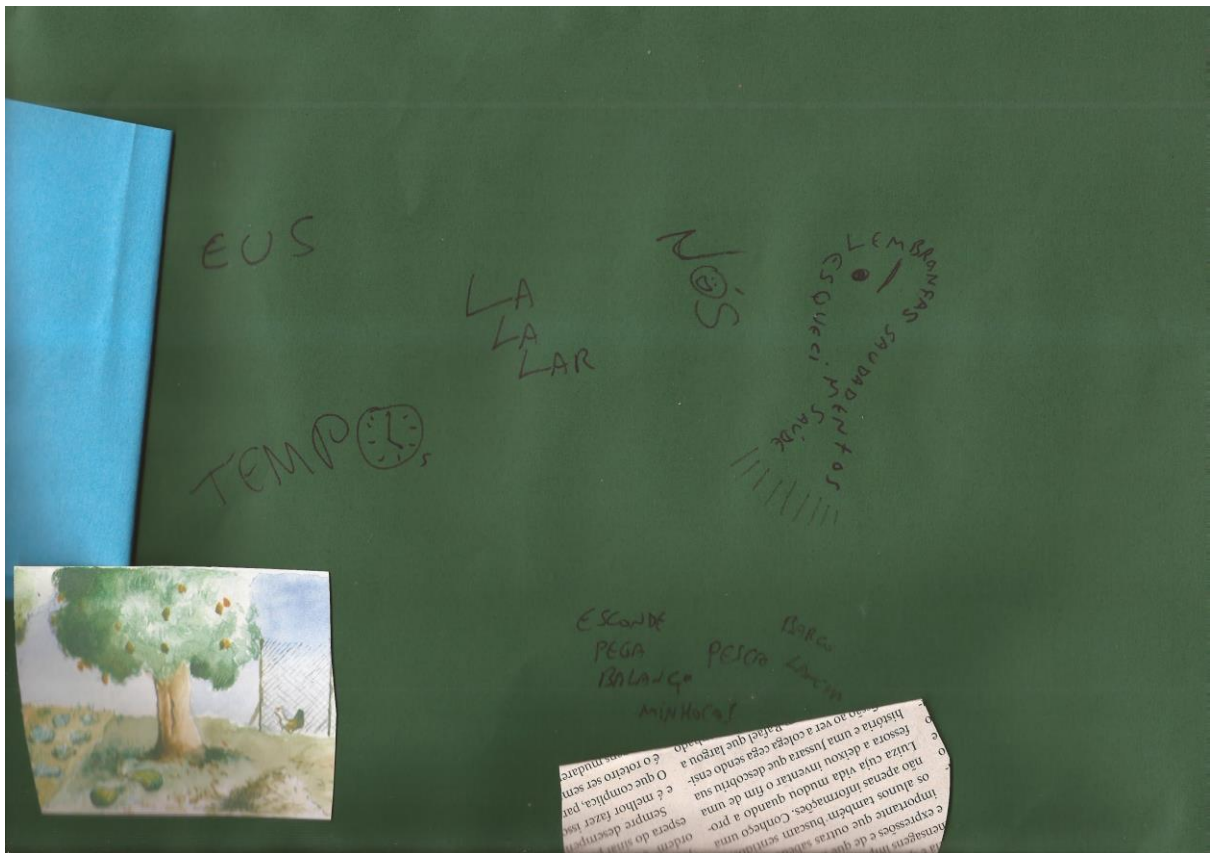
Eu me lembrei de uma frase da Margarida Cunha que diz assim: “Quando olhamos na mesma direção vimos coisas diferentes, porque não importa o que se vê, mas quem vê, isso que torna tudo tão maravilhoso.” Então, o rio que eu tenho experiência é o rio da vida. Temos o rio da nossa vida e nele vamos sendo guiados.



### **Maciambu**

Quando eu penso em rio, lembro do Maciambu. Eu lembrei do sol, o sol se pondo, porque quando meus pais vão à praia sempre é no final de tarde. No fim da tarde tem uma mudança de cor no rio. Quando essa cena me vem à mente, também penso numa casinha na praia. Ela diz da minha vontade de ficar e não de ir.





## Caí

Rio Caí, em algum lugar perto de Porto Alegre. De quando eu era pequeno.

Durante uns quatro anos da minha vida, eu acho, morei em Canoas. Todo fim de semana eu saía com meus pais e íamos para casa dos meus avós. Eles tinham um lugar no mato, junto com uns amigos. Para mim, tudo de melhor da minha infância aconteceu nesse lugar. Lá tinha uma árvore grande em que a gente batia quando brincava de esconder.

Tinha os meus primos e os filhos das outras pessoas que ficavam por ali, a gente brincava junto e tal. No rio tinha jacaré. A gente pescava lambari e levava para os meus avós, depois a gente comia. Além de lambari, dentro do rio tinha: diferentes “eus” que passaram naquelas águas com a mudança dos anos, La La Lar (música), tinha tempo, tinha nós, lembrança, saudade. As brincadeiras de esconde-esconde, pega-pega, pescar. A gente andava de barco ou de lancha com a minha avó. Ela andava alucinada pelo rio e minha mãe ficava apavorada, a gente ria. Era bem massa. A gente não tomava muito banho mas o rio estava sempre na paisagem.



### **Vários rios**

Eu morei no interior lá na Bahia e tinha vários rios, mas eu não sei o nome deles. A gente gostava mais de ir no rio no meio dia, que era um sol bem quente e a gente tomava banho. Bem quente mesmo! Tinha peixe e a gente gostava de pegar os peixes na mão. Também tinha capim e gado. A gente tinha medo dos gados, saía correndo, mas era bem legal. Também tinha muitas árvores e pássaros, nuvens. Até com chuva a gente tomava banho. E tinha, não sei se vocês conhecem, acho que chama manzá: aquilo que agarra na nossa perna e suga nosso sangue. É alguma coisa assim, esse nome esquisitão lá. Eu ficava morrendo de medo, porque ele gruda e dá trabalho pra tirar. Então, era muita coisa que tinha no rio, tinha cobra, um monte de coisa. Minha mãe também gostava de pescar, tinha caranguejo, tinha um monte de coisa porque eram vários rios, era bem legal. A gente pegava esses peixes, a gente comia caranguejo.





### **Rio rosa mais roxinho com bastante brilho**

Eu acho que fiquei por último. Mas eu até queria ficar por último mesmo porque o meu rio não é um rio físico. Quando falamos de lembrar do rio, logo remeti a quando eu encontrei esse rio, que era na minha terapia. Eu fazia uma terapia que era uma terapia guiada e eu era bem pequena, tinha uns cinco, seis anos. E a minha terapeuta ia me guiando de acordo com o que ela queria que eu visse, pensasse, enfim. E eu lembro que eu chegava num campo, ela ia me guiando e eu encontrava um amigo, mas o rio e o ambiente todo eu criava na minha mente, né. E eu encontrava meu amigo, que no caso era um gnomo, e daí a gente conversava sobre a minha semana, como tinha sido pra mim a experiência daquela semana. Ele me levava nesse rio e eu tinha que falar pra ela a cor que estava o meu rio. Eu gostava e me sentia muito bem quando meu rio estava rosa, mas nem sempre ele estava rosa. Na verdade, era um cor de rosa mais roxinho assim, e tinha bastante brilho. Eu consigo lembrar muito bem dessa imagem porque eu a criava e porque eu fiz muito tempo essa terapia. Então eu fiz ele aqui. Lembro que eu chegava e ficava olhando o rio, falava porque ele estava rosa ou porque que ele estava mais cinza, porque em alguns dias ele não estava tão colorido. Foi um momento bem especial pra mim. Então, meu rio não é físico, mas ele é meu.

“Eu quero navegar no seu rio rosa brilhante.”

para aumentar o tamanho de tão fantástica aventura.

Em um ponto da ~~a~~ viagem eu perdi o cano que tinha roubado de meu pai, sabia que não tinha mais volta, tinha que terminar a viagem e teria que valer a pena. Andei por mais dez minutos e cheguei ao fim, no fim tinha algo belo e majestoso, fiquei surpreso, chegado pois nunca tinha visto tão majestoso rio. As memórias nos ~~nos~~ enganam, principalmente quando somos crianças, mas aquele rio para mim era infinito.

## **Infinito**

Era um dia de verão, um dia quente que nunca vou esquecer. Eu tinha 13 anos e estava com a hiperatividade a flor da pele. Neste dia fui conhecer o sítio de meu pai. O sítio era comprido e belo. Não gostei dele na época, mas agora tenho saudades das coisas que fiz lá, dos lugares que visitei. No fim desse longo sítio havia um rio, um longo rio que parecia não ter fim. Eu queria saber até onde o sítio chegava, até onde o rio chegava.

Então, peguei um cano fino de meu pai para fazer de cajado e saí. Andava e andava, descia morros e depois subia, só para aumentar o tamanho de tão fantástica aventura.

Em um ponto da viagem, perdi o cano-cajado de meu pai. A partir daí, sabia que não tinha mais volta, tinha que terminar a viagem e teria que valer a pena. Andei por mais dez minutos e cheguei ao fim. No fim tinha algo belo e majestoso. Fiquei surpreso, chocado, pois nunca tinha visto um rio tão majestoso. As memórias nos enganam, principalmente quando somos crianças, mas aquele rio para mim era infinito.

Fiquei admirando ele por um longo tempo e fui tomado por muitas emoções. Esse momento ficaria comigo para sempre: os lugares, os cheiros, as sensações, os sentimentos.

Mesmo que as pessoas possam ir embora, as memórias e sentimentos vivem enquanto nós vivermos.



Alguns sorrisos correram a roda ao fim do partilhar das memórias. Muitos e ricos elementos moveram os afetos pelas águas correntes durante as falas. Após as escutas, cada um escolheu algum cantinho, alguma vaga ou barranco, para comporem o mapa de afetos com o que construíram. Mais uma vez corpos se moveram, buscaram os lugares em que cabiam suas confecções. Assim, as memórias confeccionadas se juntaram ao mapa de afetos, alargado pelos encontros com tantos outros rios.

### **O que nos impede de ouvir os rios?**

Dessa maneira chegamos ao último momento da tarde. Para ele, as pessoas se acomodam na mesa, nas almofadas do chão, para assistir à projeção em uma das paredes. Após algumas esperas e ajustes de som, assistimos, em sequência, um fragmento do documentário *Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência* (2017) e, após um pequeno silêncio, o audiovisual *Inundação (Inundación)* (2016) de Franciele Fávero. Mais alguns segundos de silêncio, para digestões.

Com alguma força, rompi o silêncio. Caminhei lentamente até a parede onde antes havia a projeção. No trajeto, iniciei uma leitura:

“Barra Grande  
Machadinho  
Campos Novos  
Itá  
Foz do Chapecó  
São Roque

Estas são algumas das 177 barragens construídas nos rios de Santa Catarina. Algumas delas são grandes usinas, outras, pequenas centrais, mas com seu grande número fracionam nossos rios, cortam nossos rios até que nem pareçam mais isso. As barragens constroem desertos, como vimos na primeira parte do vídeo, no trecho do documentário *Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência*, com as denúncias e histórias de Margarida e Marina. E não são só desertos pela falta de água. Desertificam relações comunitárias, familiares, sonhos e memórias.

As barragens também trazem silêncios, como vemos e ouvimos no vídeo *Inundação*, de Franciele Fávero. Foram múltiplas as vozes e histórias alagadas pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Entre elas, a ‘inundação silenciou os Saltos de Sete Quedas, considerados como a voz de Tupã, algo sagrado, pelos indígenas Mby(á)s.’” (INUNDAÇÃO, 2016)

Uma nova pausa, novas digestões.

Em seguida, anunciei a leitura de um trecho do poema *Rios sem discurso*, de João Cabral de Melo Neto (1997):

“Quando um rio corta, corta-se de vez  
o discurso-rio de água que ele fazia;  
cortado, a água se quebra em pedaços,  
em poços de água, em água paralítica.  
Em situação de poço, a água equivale  
a uma palavra em situação dicionária:  
isolada, estanque no poço dela mesma;  
e porque assim estanque, estancada;  
e mais: porque assim estancada, muda,  
e muda porque com nenhuma comunica,  
porque cortou-se a sintaxe desse rio,  
o fio d’água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,  
chega raramente a se reatar de vez;  
um rio precisa de muito fio de água  
para refazer o fio antigo que o fez.”

Em seguida, enquanto os corpos se moviam lentamente de volta aos arredores do rio, um tanto entristecidos, pensativos, li a última proposta da oficina.

“Convido você mais uma vez a pensar e escrever. Pergunto:

Quais são as barragens que nos impedem de nos relacionarmos com os rios? Que nos impedem de ouvir os rios? De nos afetarmos com eles? Assim como os rios, as barragens também podem ser simbólicas.”

“Utilize os *post-it* disponíveis. Ocupe quantos desejar. Você pode escrever frases, palavras. Após a escrita, fixe em algum local do curso, onde julgar melhor.”



## Barragens



Fonte: arquivo pessoal.

De modo semelhante às apresentações, transcrevo aqui trechos das falas compartilhadas após a proposição:

“A minha foi preguiça, porque eu acho que com preguiça a gente não se movimenta e consequentemente as coisas não se movimentam pra gente. E o rio me lembra um pouco de movimento. É isso, rápido, quando você falou eu já pensei preguiça.”

“Dá pra pensar em ir lá no rio e tirar uma preguiça. Se boiar o rio te carrega. A brincadeira que eu mais adorava era ser carregada. Quando você boiava aí via o céu, passava embaixo da árvore, aí uuuu. A preguiça não é só uma barragem. As coisas não deixam de acontecer.”

“Eu escrevi Insensibilidade, mas assim, não foi isso que me veio, primeiro eu pensei em sensibilizar para perceber a ideia e tal. Eu tentei pensar no contrário, o que é não estar sensível à situação, daí me veio a insensibilidade. Não sei se é autoexplicativo, não sei. É isso. Ao rio, às pessoas, à situação, ou além de mim, ou em mim mesmo. Estar sensível.”

“Eu coloquei medo. Porque o medo é o que aprisiona a gente né. A gente não consegue dar um passo pra frente se a gente tem medo. Se a gente tem medo de errar, impede de acertar. E é isso.”

“Eu não coloquei nada porque eu não pensei em nada, mas acho que nada também é uma resposta né. Quando a gente não pensa em nada é porque alguma coisa tem, ou não tem nada. Mas continua sendo uma resposta então não pensei em nada.”

“Eu coloquei distância porque pode ser distância física ou pode ser mentalmente. Se sentir distante, não se sentir perto da natureza mesmo a gente tendo tanta natureza na nossa volta, mesmo dentro da cidade, a gente se sente distante de ter essas experiências da natureza. É distante das pessoas, acho que é a distância, no geral.”

“Eu coloquei preconceito, que eu acho que não precisa de explicação, mas o preconceito ele barra a gente de tentar umas coisas novas, conhecer pessoas novas, experiências. Por isso eu botei preconceito.”

“Eu não sei se eu entendi meio mal, mas coloquei imprudência. Imprudência é falta de atenção. Imprudência do ser humano que sempre quer mais e mais e mais e não pensa na natureza que é nosso lar né. Se não tiver ela a gente não vai respirar. Eu botei imprudência e falta de atenção também.”

“Eu fui bem prolixa, mas no final estou vendo que as coisas ali tão bem conectadas. Falta de presença, ansiedade, desconexão e por último eu botei o materialismo. Acho que a ansiedade é uma falta de presença que desconecta a gente da gente mesmo, dessa nossa organicidade com a natureza e acho que o materialismo ele causa essa cegueira né, essa falta de conexão, essa falta de... do quanto a gente é o rio e do quanto o rio é a gente. Então, não sei, acho que são essas as barreiras. Internas e externas, físicas e extrafísicas.”

“Eu coloquei iniciativa, porque as vezes tem a questão do medo e as vezes tomar iniciativa ajuda. Não que vai ser a única coisa, mas...”

“Eu pensei primeiro na palavra humanização, pensando que os rios existiam antes da humanidade existir, eles já corriam de um lugar mais alto pra um lugar mais baixo, pra um vale, de uma geleira, ou de uma montanha pro mar e de muito do que a gente pensou aqui e do que a gente pensou com os vídeos também passa por essa interferência, essa alteração

desse rio. Aí eu lembrei que a gente pode usar um prefixo ali, o (des) humanização e eu fiquei o tempo todo lembrando do rio doce, como que a gente consegue destruir uma bacia hidrográfica? Não é só o rio dos Sinos ou o Itacorubi, foi uma bacia hidrográfica inteira que morreu. Então o quanto a gente ainda está se apropriando desse recurso numa perspectiva do utilitarismo, do materialismo. E o rio vem deixando de ser o que ele era, deixando de ser rio. Deixando de ser vida. Mas por outro lado, também quando a gente pensa na função da barreira, ela também tem uma função de proteção, então a gente pode pensar no sentido da humanização também no sentido do proteger, proteger determinado espaço, determinado lugar de enchente, como é a barragem que tem no rio Itajaí, que é pra proteger as pessoas que estão abaixo do rio pra que não alague. Uma barreira na Holanda serve para impedir que o mar avance. Por mais que se pense no desvio do curso do rio, ele vai alimentar outras pessoas. Não ser só catastrofista, mas também ver a dualidade da própria palavra barreira.”

Após esta nova partilha, tomei a palavra mais uma vez, para reavivar a questão levantada no início da oficina. Como podemos pensar nos rios em nossos processos educativos?

Em síntese, de minha fala e das falas que se seguiram, uma resposta possível para esta questão é justamente a busca por ferramentas capazes de abrir sensibilidades, aflorar afetos, memórias, atravessamentos. E tais ferramentas podem ser as mais delicadas, como uma poesia escrita para crianças, imagens que remetem à infância, ou mais ásperas, e ainda assim tocantes, como um forte documentário. Ainda, acionar obras artísticas, despertando para a dimensão estética, muito afastada do ensino de ciências, onde “a cognição é acionada em primeiríssimo, e quase único, plano” (GUIMARÃES, 2018), são modos de perfuração, de encontrar avessos sensíveis<sup>11</sup>. Todos estes elementos se referem aos *outros gravetos e materiais inúteis* reunidos para dar corpo à oficina que então se encerrava. Assim, abrir sensíveis é uma forma de contraponto aos crescentes *desertos*, considerando estes

“como traço marcante do mundo contemporâneo [que] não diz respeito unicamente às graves consequências resultantes da devastação da natureza. Refere-se também à esfera da sociedade, ao espaço da convivência humana. Trata-se do impacto de uma época na qual a vida está sendo negada e que

---

<sup>11</sup> A ideia de perfurar para encontrar avessos sensíveis vem da fala de Wenceslao Machado de Oliveira Jr., na apresentação da tese de doutorado de Karina Dal Pont.

tem seu eixo na racionalização e controle de todas as coisas.” (UNGER, 2001, p. 46-47)

Desta maneira, o encontro da oficina se coloca como um esforço para construção de acionamentos de sensibilidade para o ambiente que escapem da culpabilização individual, de uma hegemônica narrativa de “sustentabilidade”. Uma busca por processos educativos capazes de gerar relações com o ambiente que sejam realmente outras, menores, atentas, imaginativas, e desse modo, traçar “uma pesquisa em educação ambiental que deseja fomentar processos de criação narrativa, para assim, criar um outro modo de falar do ambiente, de pensá-lo como um campo de relações quase infinitas” (KRELLING, 2018, p. 40-41).

Ao final, pairaram algumas questões, ao menos assim me pareceu. Por exemplo, como criar sensibilidades para as histórias daqueles rios altamente poluídos, que há muito já são outros, que *deixaram de ser*, como o rio dos Sinos? Como o próprio rio Itacorubi, que margeia nossos caminhos? Como nos afetarmos por suas histórias, reconhecê-las para que, mesmo na inospitalidade, novas memórias com eles possam ser construídas, borrando a fronteira do afastamento, da repulsa?

Estas questões se encontram em aberto, mas respostas possíveis podem apontar para outra potencialidade da metáfora do deserto, pois podemos descobrir nela “um outro sentido, que é [o] do deserto como lugar que contém em si múltiplas possibilidades de renovação e virtualidades de criação. Pensar a gravidade do tempo em que vivemos é pensar também as possibilidades de sua superação.” (UNGER, 2001, p. 57)

Os comentários finais da oficina foram vários e de temáticas muito interessantes, que dão a pensar no âmbito de uma educação ambiental preocupada com abertura de sensibilidades. Porém, decidi omiti-los aqui, pois suas divagações divergem, de alguma maneira, do que está posto como central neste trabalho. Isso não significa uma desatenção. Talvez, justamente por julgar que mais atenção é necessária, que escolhi este rumo. Dito isto, cabe dizer também que uma escuta, um olhar, uma atenção maior deve ser dada a todas as confecções e reverberações da oficina. Devido ao tempo escasso que restou entre sua realização e os prazos desta escrita, não foi possível realizar uma análise pormenorizada dos materiais. Sem dúvida, ruídos foram causados. O encontro foi intenso, reverberou. Não busco compreender a extensão das ondas causadas, nem posso afirmar que chegaram em todas e todos os presentes. Ainda há muito o que pensar.

Encerro este capítulo com a mesma mensagem que findou a oficina. Mesmo singela, considero-a imprescindível nestes tempos de crescente ódio e intolerância, em que, muitas vezes, a desesperança nos assoma.

Mensagem de esperança: Uma esperança que não só espera, mas vive, move, busca caminhos. Como os rios, cortados, reúne forças para seguir, para continuar sua história. Encontra desvios, cria novos cursos, vive, a despeito das forças que o impedem de seguir seu fluxo. Os rios e suas gentes, suas margens, tão cheias de memórias e histórias seguem, pois são vivas, são espessas. “E mais espessa é a vida que se desdobra em mais vida”, como nos diz João Cabral de Melo Neto na epígrafe deste capítulo. E porque espessos, resistem ao que insiste em esmagá-los.

Mapa de afetos após a oficina



Fonte: Tadeu Vasconcellos



## REFERÊNCIAS

- ARPILLERAS: atingidas por barragens bordando a resistência. Direção de Coletivo de Mulheres do Mab. Produção de Adriane Canan; Guilherme Weimann. Roteiro: Adriane Canan; Bruno Ferrari; Guilherme Weimann; Vinicius Denadai. [si]: Movimento de Atingidos Por Barragens, 2017. (103 min.), mp4, son., color.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 168 p.
- COUTO, Mia. **Antes de nascer o mundo**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 280 p.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Arte é só nas aulas de arte?** 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/artevera/?p=1636>>. Acesso em: 5 nov. 2018.
- HIRATSUKA, Lúcia. **Chão de peixes**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2018.
- INUNDAÇÃO (Inundación). Direção de Franciele Fávero. Produção de Franciele Fávero. [si], 2016. (5 min.), son., color. Disponível em: <<https://vimeo.com/160748188>>. Acesso em: 07 set. 2018.
- KRELLING, Aline Gevaerd. **Oficinas de criação de histórias inventadas: experimentações em uma pesquisa em Educação Ambiental**. 2018. 153 p. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez ; Campinas: Editora Unicamp, 2001. p. 13-14.
- MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 386 p.
- MELO NETO, João Cabral de. **Serial e antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 326 p.
- PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias afetivas: Proposições do professor-artista-cartógrafo-etc**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- PREVE, Ana Maria Hoepers. Perder-se: Experiência e Aprendizagem. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. de (Org.). **Grafias do espaço: Imagens da educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013. Vários Autores. Cap. 12. p. 257-277.

RIBEIRO, Danilo Stank. **Da oficina, do ofício, do oficineiro**. 2017. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

RIBEIRO, Danilo Stank; PREVE, Ana Maria Hoepers. Oficinas começam à maneira das ruderais. **Linha Mestra**. Campinas, n.34. 12 p. 2018. Disponível em: <<http://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/6/27>>. Acesso em: 23 de maio de 2018.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente**: o recado do rio. 1ª Ed. São Paulo: Cortez ; Campinas: Editora Unicamp, 2001.

VELOSO, Caetano. Onde eu nasci passa um rio. In: VELOSO, Caetano; COSTA, Gal. **Domingo**. Rio de Janeiro: Philips, 1967. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pMQwJj3pS94>> Acesso em: 31 de out. 2018. Faixa 2.

## APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (CCB)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Cara(o) participante, eu, Raquel Rohden, orientada pelo Profº Drº Leandro Belinaso Guimarães, gostaria de pedir seu consentimento para a utilização dos materiais confeccionados e falas produzidas durante a oficina denominada “Entre afetos e cursos: memórias”. Esta oficina é componente da pesquisa de minha autoria para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Entre afetos e cursos, memórias: relações com os rios e o Ensino de Ciências”. Este trabalho tem como objetivo geral buscar nas memórias as relações com os rios e identificar as barragens que se instauram nestas relações durante a vida e no cotidiano. Na pesquisa, irei também investigar a potência destas relações para o Ensino de Ciências.

A coleta das informações se dará por meio de uma oficina a ser realizada com um grupo de graduandas (os) dos cursos de Pedagogia e Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina. Este termo segue as orientações dadas pela resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que define as normas éticas para a realização de pesquisas que envolvem seres humanos. Com base nestas normas, é importante ressaltar que: 1. a sua participação não é obrigatória; 2. Se após assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), você não quiser mais participar desta pesquisa, tem o direito de desistir e exigir esclarecimentos durante todo o período de realização dela, sem qualquer tipo de penalização e sem prejuízo ao seu cuidado, assim como fazer solicitação dos dados já coletados; 3. Você também receberá, em mão, uma cópia deste termo que será impresso em 2 (duas) vias e assinado pelos envolvidos; 4. Seu nome será mantido em sigilo absoluto em todos os momentos de realização deste trabalho, devendo a realizadora da pesquisa indenizar e ressarcir quaisquer eventuais danos provocados neste sentido.

É importante ainda levantar que a realização da oficina pode levar a algum tipo de desconforto, tendo em vista que solicitará uma investigação da memória e também de modos de habitar o espaço no cotidiano. A pesquisadora se compromete em desempenhar suas funções de forma ética e responsável, procurando extinguir ou minimizar qualquer termo ou questão que possam vir a causar qualquer tipo de constrangimento ou desconforto aos participantes.

A responsável por esta pesquisa é a graduanda em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Raquel Rohden, registrada sob a matrícula 13100423. No caso de alguma eventualidade, dúvida ou esclarecimento relacionado a pesquisa pode ser contatada pelo telefone (48) 996931955 ou pelo email [raquel.rhden@gmail.com](mailto:raquel.rhden@gmail.com).

Ao assinar este termo a(o) participante declara ter sido suficientemente informada(o) a respeito da pesquisa “Entre afetos e cursos, memórias: relações com os rios e o Ensino de Ciências” e sobre seu desenvolvimento e declara também o aceite e concordância em participar da mesma.

Desde já agradeço muito a participação. Atenciosamente,

Raquel Rohden (pesquisadora responsável)

Florianópolis, 16 de outubro de 2018.

---

Assinatura da pesquisadora  
Raquel Rohden

---

Assinatura do orientador  
Leandro Belinaso Guimarães

---

Assinatura da(o) participante